MERCADO DE GRÃOS

AGROANALYSIS

GRUPO DE INFORMAÇÃO AGRÍCOLA

VOL. 6 – Nº 12 DEZEMBRO DE 1982

PERIÓDICOS

FGV-ESCOLA ADM EMPRESAS SP
BIBLIOTECA KARL BOEDECKER
AV 9 DE JULHO 2029 10.AND
01313 SAO PAULO SP

IMPRESSO

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS
INSTITUTO BRASILEIRO DE ECONOMIA

GRUPO DE INFORMAÇÃO AGRÍCOLA

COORDENADOR
Tito Bruno Bandeira Ryff

QUADRO TÉCNICO E ÁREAS DE INTERESSE

Fatores de Produção; Infraestrutura; Pecuária
Bruno Marcus Rangel Pessanha
Editoração; Arroz; Cevada; Mamona; Comércio Internacional; Feijão
Fernando Roberto de Freitas Almeida
Cana-de-Açúcar; Mandioca; Álcool; Serviço de Dados Básicos
Francisco Antônio da Fonseca Menezes
Algodão; Fruticultura; Olericultura
Iracema Bouzas Pessôa
Milho; Suinocultura; Avicultura; Serviço de Cadastro
Irene Raguenet Troccoli
Oleaginosas; Trigo; Metais Preciosos
Leila Tendrih de Freitas Almeida
Cacau; Café; Fumo; Moeda e Crédito
Régis Norberto da Cunha Alimandro

QUADRO DE APOIO

Diagramação; Composição; Montagem; Arte-Final
Emerson da Silva Martins
Secretária
Jorgina Leite Lemos
Datilógrafo
Damião Roberto Mattos Pinheiro
Mensageiro
José de Oliveira Melo Júnior
Serviço de Documentação
Maria Eunice Rocha
Estagiários
Carlos Derouineau Antunes Neto
Cláudia Rodrigues Campos
Cristina Pinho Corrêa
Deborah de Almeida Lima
Edmilson Marques Lana

"Agroanalysis" é uma publicação do Grupo de Informação Agrícola do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas, editada com apoio do Banco Central.

Agroanalysis, v. I – , n. 1 –; 1977 –
Rio de Janeiro, Grupo de Informação Agrícola
v. ilust. 30 cm Mensal (jan. a dez.)

1. Agricultura – Periódicos. I. Grupo de Informação Agrícola
CDU 631 (05)

Grupo de Informação Agrícola
Av. Gomes Freire, 647 – 10º – ZC-58
Fones: 232-5001, 232-6827, 232-8678 e 232-2548
Telex: 212-3840 FGVE BR
20.000 – Rio de Janeiro – RJ
BRASIL

BIBLIOTECA KARL A. BOEDECKER
Escola de Administração de
Empresas de São Paulo

AGROANALYSIS

FUNDAÇÃO
GETÚLIO VARGAS

Instituto Brasileiro de Economia

ÍNDICE

Páginas

Análise

Mercado Internacional de Grãos 2

Comentários

Algodão. 17

Arroz 18

Feijão 20

Milho 21

Soja 23

Trigo. 24

Panorama Agropecuário

Preços no Mercado Externo. . . 25

Preços no Mercado Interno . . . 27

Preços Relativos 29

NOTA DA EDIÇÃO

Sob a denominação genérica de "grãos" (cereais e sementes oleaginosas) são relacionados produtos de elevada importância para a alimentação humana, à qual servem tanto na forma direta (consumo da semente "in natura", como é o caso do milho) como indireta (farinhas, produtos farináceos, farelos, óleos, etc.). Além disso, os grãos desempenham papel relevante no arraçoamento de rebanhos, possibilitando, desta forma, a expansão da oferta de proteínas animais.

A importância do cultivo destes produtos na economia mundial pode ser avaliada pelo fato de que, no início da década de 70, os países economicamente desenvolvidos, apesar de abrigarem apenas 1/5 da população mundial, detinham pouco mais da metade da produção mundial de carne e 2/3 dos grãos utilizados para o arraçoamento. Os países menos desenvolvidos, por sua vez, com 44% da população mundial e 1/4 da produção mundial de carne àquela época, utilizavam somente 9% de sua disponibilidade de grãos para o arraçoamento de animais.

O estudo principal deste número de **"Agroanalysis"** *é dedicado à análise do mercado mundial de grãos "coarse"*, mercado no qual o Brasil procura dar os primeiros passos com a exportação de milho.*

Além deste tema, de especial relevância, a equipe do **Grupo de Informação Agrícola** *(GIA) procura, também, neste número, analisar as informações referentes ao andamento das principais lavouras de verão do Centro-Sul: algodão, arroz, feijão, milho e soja.*

Finalmente, a quebra acentuada da produção de trigo, frustrando mais uma vez a expectativa dos produtores deste cereal merece, igualmente, alguns comentários.

* *Termo da língua inglesa usado para determinar o conjunto formado pelo milho, sorgo, aveia, cevada, centeio, milheto e outros grãos.*

MERCADO DE GRÃOS

A RECONHECIDA IMPORTÂNCIA DOS DIVERSOS GRÃOS NA ALIMENTAÇÃO HUMANA ATRIBUIU-LHES UM VALOR ESTRATÉGICO, PRESENTE NAS GRANDES NEGOCIAÇÕES INTERNACIONAIS. O PRESENTE ESTUDO PROCURA MOSTRAR A COMPLEXIDADE DESTAS NEGOCIAÇÕES E O PAPEL QUE PODE, OU NÃO, SER DESEMPENHADO PELO BRASIL.

Sob a denominação genérica de "grãos" (cereais e sementes oleaginosas) são relacionados produtos de elevada importância para a alimentação humana, tanto direta quanto indiretamente, cuja significação é ampliada enormemente pela sua utilização também no arraçoamento de rebanhos, possibilitando, desta forma, a obtenção de proteínas animais.

A importância do cultivo destes produtos na economia mundial pode ser avaliada pelo fato de que, no início da década de 70, os países economicamente desenvolvidos, apesar de abrigarem cerca de 1/5 da população mundial, detinham pouco mais da metade da produção mundial de carne e 2/3 dos grãos utilizados para o arraçoamento. Os países menos desenvolvidos, por sua vez, com 44% da população mundial e 1/4 da produção mundial de carne àquela época, utilizavam somente 9% de sua disponibilidade de grãos para o arraçoamento de animais.

Ou seja, o elevado padrão alimentar dos povos mais desenvolvidos, decorrência da expansão do consumo de proteínas animais, sublinha o papel determinante da utilização de grãos na alimentação dos rebanhos. Assim, enquanto em regiões economicamente subdesenvolvidas, os fatores ecológicos desempenham papel importante na determinação do padrão alimentar da população (com um ou dois alimentos tendendo a tornar-se dominantes na sua dieta alimentar), à medida em que a economia se desenvolve, a dieta alimentar não só se diversifica como, também, melhora, em conseqüência dos maiores níveis de renda e da maior variedade na oferta de alimentos. Este processo, obrigatoriamente, implica uma expansão do consumo de carnes, advindas de rebanhos geralmente criados de modo intensivo.

Assim, o consumo de grãos, a grosso modo, pode ser dividido em três categorias: consumo humano direto, rações animais e outros (onde são incluídos o consumo industrial, a reserva para sementes e as perdas).

O consumo humano abrange tanto a ingestão de produtos obtidos através de processamento dos grãos (farinhas, produtos farináceos, farelos, etc) quanto o consumo de semente *in natura*, como é o caso do milho. Obviamente, observam-se casos em que o grão é, em sua maior parte, con-

sumido diretamente como alimento, em regiões de baixos níveis de renda. Não seria por outro motivo que, no México, somente 5% do consumo de milho são relativos ao arraçoamento, enquanto que os EUA, maior produtor deste grão, costumam direcionar quase 90% do seu consumo anual de milho à alimentação humana. Um adendo deve ser feito, porém. No Brasil, o setor de arraçoamento absorve cerca de 85% do consumo anual de milho, conquanto o país faça parte do rol das nações de baixa renda *per capita*. Tal exceção pode ser explicada de duas maneiras: não só os setores avícola e suinícola brasileiros apresentam bases desenvolvidas[1], que requerem uma constante melhoria nas condições de arraçoamento e conversão alimentar dos animais, como, também, trata-se de um país onde o consumo popular tradicional de alimentos prende-se, antes, a outros gêneros alimentícios (arroz, feijão, farinha de trigo — esta devido ao seu preço ainda subsidiado — mandioca, etc).

Fica, assim, claro que o padrão alimentar *inicial* de um povo tem profundas raízes culturais, o que faz com que, à medida em que ocorra o desenvolvimento econômico, embora o padrão de consumo tenda a tornar-se mais homogêneo, mantenham-se algumas diferenças regionais. Desta forma, o arroz deverá continuar a ser o alimento básico na Ásia, conquanto pouco importante na Europa Ocidental, EUA e Canadá, regiões onde o trigo apresenta elevado consumo.

O consumo industrial dos grãos abrange produtos tais como o amido, o óleo e o melaço. Seu percentual não se revela muito elevado, atingindo cerca de 20%, em termos mundiais, quando adicionado às sementes e às perdas que obrigatoriamente ocorrem. É, portanto, bem inferior ao consumo humano (que, em nível mundial, constitui-se em cerca de 50% da demanda total de todos os grãos) o que, provavelmente, pode ser explicado não só pelo fato de nem todos os grãos serem oleaginosas, mas também devido à concorrência ainda exercida pelas gorduras animais em diversas partes do mundo, principalmente naquelas de menor desenvolvimento econômico.

Já a demanda por sementes varia, na medida em que depende da área e da taxa de semeadura. Em termos de produção total, as sementes correspondem a cerca de 6 a 12% da produção de trigo, aveia, cevada, centeio e sorgo, 2% da de milho e 5% da de arroz.

Quanto às perdas de colheita (que ocorrem em maior ou menor grau, dependendo da tecnificação da colheita), estima-se que constituem algo próximo de 3% da produção mundial de grãos.

No que tange à absorção de grãos por parte das indústrias fabricantes de rações, estima-se que esta deva estar por volta de 30% do consumo de grãos em nível mundial. Em alguns casos, porém, é pequena a parcela destinada à alimentação animal e/ou à transformação industrial. É o que ocorre com o arroz, cuja utilização para estes fins é mínima, e com o trigo, grão destinado, quase que em sua totalidade, ao consumo humano (estima-se que somente 5% da produção do trigo sejam usados no fabrico de rações). Da mesma forma, no caso dos chamados grãos "coarse"[1], cerca de 60% da produção mundial são dirigidos para o setor de rações, 25% são usados diretamente no consumo humano e os 15% restantes constituem-se da destinação às indústrias, sementes e das perdas.

Tendo em vista esta gama de aspectos em que se subdivide o mercado de grãos e a quase impossibilidade de se cobrirem todos numa rápida análise, este texto procurará abordar apenas a situação do

[1] Termo da língua inglesa, usado para determinar o conjunto formado pelo milho, sorgo, aveia, cevada e centeio, milheto e outros grãos.

QUADRO 1

GRÃOS: Oferta e Demanda Mundiais
Anos-Safra 1981/82 e 1982/83 (Milhões de t)
Estimativa de 12/11/82

	1981/82	1982/83
Estoque inicial	180,0	217,7
Produção	1.497,6	1.509,9
Importações	224,9	224,0
Oferta total	1.677,6	1.727,6
Consumo total	1.462,7	1.476,3
Exportações	231,7	226,1
Estoque final	214,9	251,3

FONTE: USDA.

[1] Embora a suinocultura brasileira ainda careça de melhor taxa de desfrute, o padrão suinícola da região Sul do país é considerado relativamente elevado.

mercado mundial dos chamados grãos "coarse". Em seguida, concentrando-se especificamente no mercado do milho, carro-chefe deste grupo de produtos, buscar-se-á avaliar até que ponto a recente decisão brasileira de exportar os eventuais excedentes de produção deste cereal encontra eco no perfil da demanda externa.

Conforme pode ser apreciado no Quadro 1, o balanço mundial de oferta e demanda de grãos em geral* para a temporada 1982/83 caracteriza-se por três pontos em especial: estoque inicial 20,9% superior ao da temporada 1981/82, consumo crescendo 0,9% e queda de 2,4% nas exportações. Vale lembrar que, nos casos específicos tanto do trigo quanto do arroz, os balanços de oferta e demanda apresentam estimativas de consumo muito próximas das de produção, ficando o superávit mais acentuado de produção por conta exclusivamente dos grãos "coarse", em razão, basicamente, da safra recorde de milho esperada nos EUA nesta temporada.

O consumo de grãos em geral, depois de apresentar aumento de somente 0,5% entre 1980/81 e 1981/82, deverá crescer, desta feita, 0,9%. De qualquer forma, quase 15% do consumo total estimado já se encontram assegurados pelo considerável estoque formado na temporada 1981/82, e a projeção de que, ao final de 1982/83, ainda se disponha de um excedente de 251,3 milhões de t de grãos, vem tendo considerável peso sobre os preços dos grãos "coarse" no mercado internacional. Além do mais, as exportações mundiais de grãos nesta temporada devendo ser 2,4% inferiores àquelas verificadas em 1981/82, caracterizam o primeiro retrocesso das vendas, desde 1979/80.

Em outras palavras, o mercado mundial destes grãos deverá apresentar-se extremamente bem abastecido na atual temporada, com os estoques finais devendo crescer 16,9% em comparação com aqueles existentes ao final da temporada anterior. Além deste excesso de oferta, que vem atuando de forma a pressionar para baixo os preços internacionais destes produtos, os problemas econômicos gerados pela recessão mundial, que ainda subsistem nos diversos países consumidores de grãos, têm tornado morosa a resposta da demanda a preços relativamente baixos. De fato, não fosse o crescimento populacional e a constante busca por melhores e maiores fontes nutricionais para a alimentação das populações carentes nos países subdesenvolvidos, esta tendência baixista dos preços poderia estar assumindo proporções ainda mais sérias do que aquelas que se colocam até o momento. A título de ilustração, entre junho e agosto deste ano, o preço médio CIF Rotterdam para o trigo norte-americano Hard nº 2, para o milho norte-americano amarelo nº 3 e para o sorgo norte-ame-

* Grãos "coarse", trigo e arroz, nas proporções de produção aproximadas de 50%, 30% e 20%, respectivamente.

QUADRO 2

GRÃOS "COARSE" – Estimativas de Oferta e Demanda Mundiais, de 12/11/82 – (milhões de t)

	1979/80	1980/81	1981/82	1982/83
Estoque inicial	90,5	89,1	80,2	114,3
Produção	740,1	726,6	769,5	780,1
Importações	108,8	109,7	109,8	110,1
Oferta total	830,6	815,7	849,7	894,4
Uso p/arraçoamento	454,6	440,4	448,3	453,6
Consumo total	724,4	742,2	740,9	751,0
Exportações	108,1	115,5	111,8	108,5
Estoques finais	88,3	73,6	108,8	143,4

FONTE: USDA.

ricano amarelo nº 2, apresentaram valores nominais inferiores aos preços médios da temporada 1981/82 (junho/maio) de, respectivamente 13,3%, 11% e 9%.

Em nível mundial, o balanço de oferta e demanda dos grãos "coarse" aponta, para a temporada atual, uma oferta total recorde da ordem de 894,4 milhões de t, 5,3% e 9,6% superior, respectivamente, às ofertas de 1981/82 e 1980/81 (Quadro 2). O estoque final desta temporada, por sua vez, deverá ser 31,8% superior ao antecedente, em conseqüência do aumento previsto na produção de grãos dos países maiores exportadores, ao mesmo tempo em que uma expansão apenas normal do consumo de alimentos, aliada à recessão econômica, forçarão uma queda das exportações mundiais destes grãos na presente temporada.

Além dos EUA (que deverão produzir 32,5% da produção mundial de grãos "coarse") as outras maiores regiões produtoras em 1982/83 deverão ser a Europa Ocidental (11,7%), a China (10,8%) e a URSS (10,6%). Destes países, apenas os EUA caracterizam-se como exportadores líquidos, pois tanto os países da Europa Ocidental quanto a China e, principalmente, a URSS, necessitam adquirir grãos no exterior para cobrir suas necessidades de consumo (Quadro 3).

Os preços destes grãos encontram-se deprimidos desde a safra recorde 1981/82, que apresentou um crescimento de quase 6% sobre a anterior, e à qual associou-se uma leve queda no consumo mundial, anteriormente mencionada. O conseqüente aumento na disponibilidade para exportação nos maiores produtores de grãos, que não os EUA, em 1981/82, e a perspectiva de continuação deste aumento em 1982/83, aliada à expansão moderada (1,7%) no consumo projetado, estão mantendo a tendência baixista dos preços dos grãos nos Estados Unidos, processo que é reforçado, especialmente, pela esperada safra recorde de milho naquele país. O Gráfico 1 mostra a acentuada queda sofrida pelos preços do milho (o mais importante dos chamados grãos "coarse") tanto norte-americano quanto argentino, a partir de 1981. Observe-se que o preço do milho argentino (que, tradicionalmente, é vendido com um prêmio sobre o norte-americano, por possuir maior teor de caroteno) ficou abaixo da cotação do grão norte-americano durante alguns meses do ano passado, o mesmo acontecendo em 1982. Embora isto possa ser explicado pelo fato de o ano-safra do milho argentino ser de março a fevereiro, enquanto o do milho norte-americano é de outubro a setembro, observe-se que, em 1980, o preço do produto argentino manteve-se constantemente acima da cotação do produto norte-americano. Isto deveu-se ao fato de a safra 1979/80 de milho na Argentina ter sido 29% inferior à colheita da safra anterior, o que levou aquele país a exportar 39% a menos do cereal do que a quantidade vendida em 1978/79. Simultaneamente, a safra norte-americana de milho 1980/81 foi recorde, concretizando-se um volume 9,3% superior à precedente.

A posição dos EUA dentro do quadro mundial de oferta e demanda de grãos "coarse", por sua vez, é das mais delicadas, pois, de acordo com a estimativa do Departamento de Agricultura daquele país, de 16/08/82, apenas 64% de sua produção desta temporada deverão ser consumidos internamente. O que significa que aquele país dispõe de um superávit inédito, de cerca de 155,8 milhões de t destes produtos, enquanto que as importações mundiais (de todas as origens) não deverão ultrapassar 105,4 milhões de t. Daí, a extrema dependência deste país às compras da URSS, maior importador isolado de grãos "coarse".

Na verdade, desde janeiro de 1980, a situação norte-americana no mercado internacional de grãos sofreu uma reviravolta inesperada, cujas conseqüências até hoje afetam fortemente, não só os preços dos grãos naquele país, como têm efeitos agudos no seu próprio plano político interno. O embargo à venda de grãos norte-americanos à URSS imposto pelo governo Carter naquele mês, quando da intervenção soviética no Afganistão, atingiu os EUA numa época em que praticamente se iniciava, naquele país, a comercialização de 238,7 milhões de t de grãos "coarse" da safra recorde verificada em 1979, 7,5% a mais do que o obtido no ano anterior. Desta forma, o total da oferta norte-americana destes produtos atingia, pela primeira vez, 285,1 milhões de t. Ironicamente, a URSS emergia do ano de 1979 com um melancólico resultado em sua produção destes grãos, pois as 81,1 milhões de t obtidas representavam um volume 23% inferior ao de 1978, face a uma forte queda no rendimento médio obtido por hectare cultivado, e que levou a que o consumo soviético destes produtos decrescesse 12%, em comparação com o do ano anterior.

QUADRO 3

*GRÃOS "COARSE"**: Oferta e Demanda Mundiais – 1978/79 a 1982/83* – em Milhões de t*

Produção**	1978/79	1979/80	1980/81	1981/82	1982/83*
Canadá	20,3	18,6	21,8	25,7	25,6
Austrália	7,1	6,2	5,1	6,6	4,2
Argentina	17,3	10,6	20,9	18,9	17,7
África do Sul	8,8	11,7	15,3	8,8	11,4
Tailândia	3,0	3,6	3,5	4,4	4,1
Europa Ocidental	94,0	91,1	94,9	88,6	91,0
URSS	105,3	81,1	80,5	77,0	82,0
Europa Oriental	60,5	63,4	61,5	62,8	64,7
China	79,1	83,0	84,8	82,5	83,5
Outros	135,7	133,4	143,2	145,4	140,0
EUA	222,1	238,7	198,4	248,9	252,5
Exportações					
Canadá	3,9	4,8	4,6	6,7	7,0
Austrália	2,6	4,1	2,2	3,2	1,8
Argentina	11,5	6,6	9,9	13,8	12,0
África do Sul	2,9	2,9	3,6	4,9	4,1
Tailândia	2,3	2,3	2,4	3,1	2,8
Europa Ocidental	6,2	5,6	7,3	5,3	5,5
URSS	1,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Outros	3,0	2,9	3,3	3,7	3,2
EUA	56,9	71,6	72,4	61,5	65,0
Importações					
Europa Ocidental	22,8	23,2	21,2	23,1	22,3
URSS	9,9	18,4	18,0	24,0	23,0
Japão	17,9	18,9	18,9	18,4	18,5
Europa Oriental	10,6	11,4	10,6	7,7	5,4
China	3,1	2,0	0,9	1,2	2,0
Outros	26,0	27,0	36,2	27,9	30,2

* Estimativas de 15/10/82

** Cevada, milho, centeio, aveia, sorgo, milheto e outros grãos.

FONTE: USDA.

A retração acentuada das vendas dos grãos produzidos nos EUA à URSS, no entanto, não se deu imediatamente, porque, por força do acordo quinqüenal de fornecimento de grãos firmado em 1976, os soviéticos (que, tradicionalmente, adquiriam cerca de 80% de suas necessidades externas de grãos "coarse" nos EUA) ainda compraram aos norte-americanos 62% do total de suas importações destes grãos no período entre julho de 1979 e junho de 1980. Já na temporada seguinte, porém, este percentual caiu para 28%, embora o volume das importações provenientes dos EUA permanecesse praticamente o mesmo.

Desta maneira, as exportações de grãos "coarse" norte-americanas, por força da retração das compras soviéticas naquele mercado, passaram a

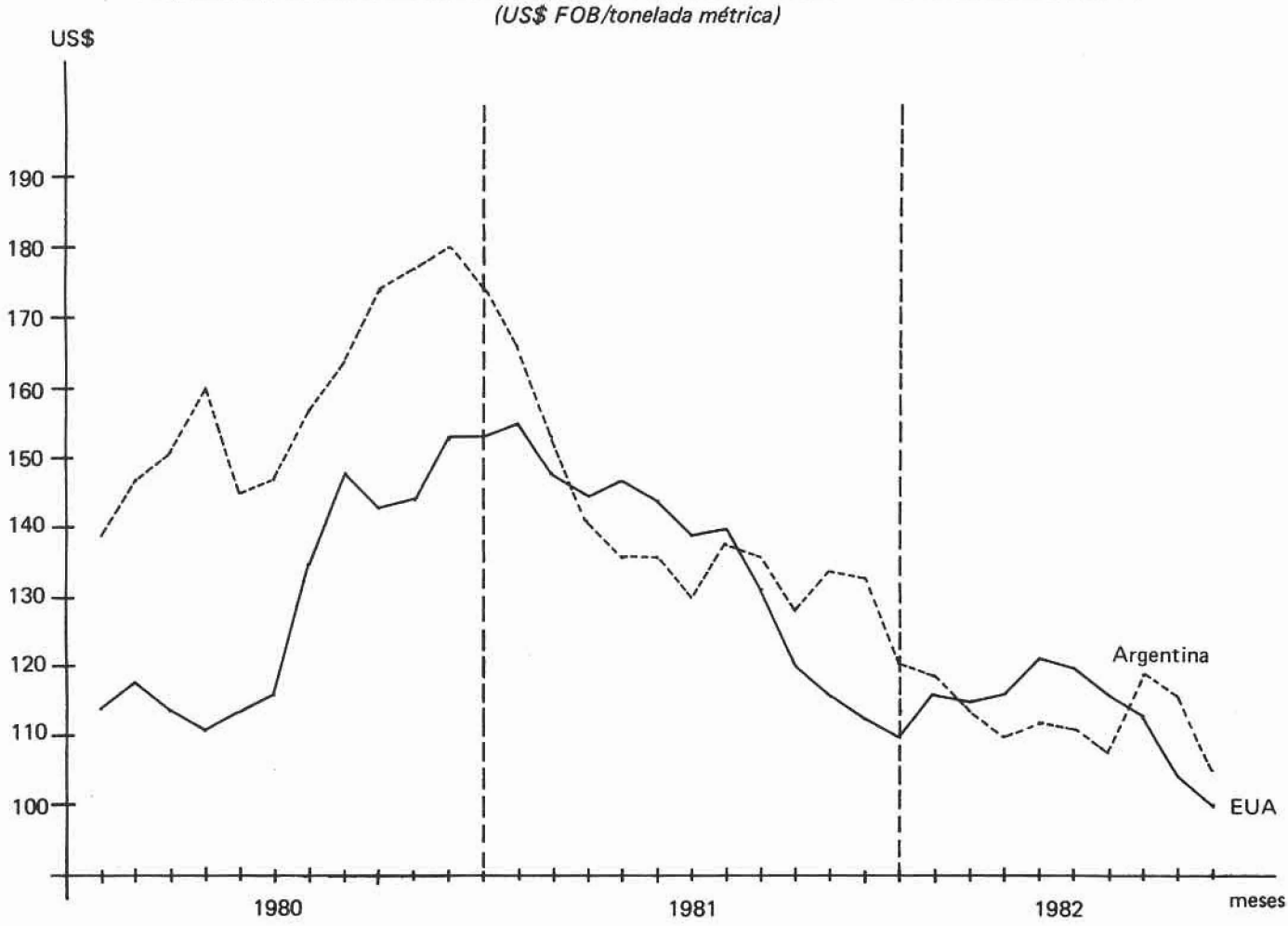
apresentar consideráveis decréscimos, a partir da temporada 1980/81. Não fosse pela frustração da safra destes grãos observada nos EUA, exatamente em 1980, o efeito da redução das compras soviéticas teria sido ainda mais amargo sobre o mercado de grãos norte-americanos, que iniciara a temporada 1980/81 com um estoque inicial recorde de 52,7 milhões de t.

Assim, a partir do embargo (que se deu no quarto ano de vigência do acordo de longo prazo de fornecimento de grãos dos EUA à URSS), os soviéticos, buscando reduzir sua dependência em relação ao grão produzido no solo norte-americano, deram início a uma política de diversificação de suas fontes de abastecimento externo destes produtos. Isto a despeito das repetidas declarações do governo Reagan, de que qualquer novo acordo de longo prazo de fornecimento de grãos à URSS será respeitado em qualquer hipótese. Na verdade, a deterioração do quadro de abastecimento interno soviético destes produtos tornou-se por demais delicada para que o Kremlin corra o risco de ver novamente quebradas as promessas norte-americanas de venda, quando de uma eventual desavença política entre as duas nações.

Dentro desta linha de pensamento, a URSS vem firmando acordos de fornecimento de grãos com diversos países, tais como o Canadá (entrega

GRÁFICO 1

Preços de Exportação do Milho Norte-Americano e Argentino – Janeiro de 1980 a Setembro de 1982
(US$ FOB/tonelada métrica)



FONTE: USDA.

de um mínimo de 4,5 milhões de t de grãos de agosto de 1982 a julho de 1983), Argentina (venda de um mínimo de 4 milhões de t de grãos "coarse" durante 1983), Brasil (envio anual de 500 mil t de milho de 1983 a 1986, além da venda de soja), Hungria e Tailândia. Os soviéticos parecem particularmente interessados em incrementar seu comércio com o Canadá e Argentina (países cujas vendas de produtos agrícolas à URSS, em 1981, foram quase o dobro do inicialmente estipulado), idéia que, no caso do país sul-americano, ganhou força especial a partir do desgaste da imagem dos EUA, em Buenos Aires, com o episódio das Malvinas.

As autoridades soviéticas estão cientes, antes de mais nada, que se torna cada vez mais difícil alcançar as metas de produção de diversos produtos agrícolas contidas em seus Planos Quinqüenais. O Quadro 4 mostra a disparidade entre essas metas e os resultados efetivamente obtidos. Em 1980, por exemplo, 20,3% das importações totais da URSS constituíram-se de alimentos e produtos agrícolas, contra apenas 1,9% do total das exportações, fazendo com que o déficit do comércio agrícola daquele país excedesse em 34% aquele verificado em 1979 (uma amostra simplificada do comércio agrícola da URSS com o exterior encontra-se no Quadro 5). No caso dos grãos em especial, o volume médio anual de produção verificado nos períodos de 1971/75 e 1976/79 ficou 6,8% abaixo do pretendido, em função não só de variações anuais erráticas da área plantada, como também devido a condições climáticas adversas (que levaram a uma degeneração do rendimento físico das culturas), agravadas pela própria falta de instrumentos necessários à produção, tais como insumos e maquinaria.

Este último fator reflete a limitação dos recursos que as autoridades soviéticas vêm repassando à agricultura. O Quadro 6 contém algumas informações relativas à disponibilidade de maquinaria nas propriedades agrícolas soviéticas entre 1975 e 1980. O déficit existente tem sido duramente criticado dentro da própria URSS e apontado como um dos fatores que mais contribuem para o fraco desempenho das lavouras do país.

O conseqüente aumento da dependência soviética das importações de grãos encontra-se discriminado no Quadro 7, onde se vê que, a partir da temporada 1979/80, a participação dos grãos comprados no exterior sobre a disponibilidade interna (que fora, em média, de 8% desde a temporada 1972/73) passou a aumentar brutalmente, chegando a alcançar 21% em 1981/82.

Este aperto na oferta interna de grãos prejudicou especialmente o arraçoamento animal soviético, podendo explicar porque as produções de carne e de leite, entre 1971 e 1980, ficaram abaixo das metas previstas no Nono e no Décimo Planos Quinqüenais (Quadro 4). Na temporada 1979/80, por exemplo, embora as importações de grãos apresentassem um aumento de quase 100% sobre aquelas de 1978/79, a oferta interna total de grãos caiu em cerca de 16%, ao mesmo tempo em que uma violenta seca atingia as pastagens do país. O reflexo desta conjuntura sobre o peso médio de

QUADRO 4

URSS – Produção de Grãos, Carne e Leite, Planejada e Realizada – Planos Qüinqüenais (1971/75 a 1986/90) – Quantidades Médias Anuais em Milhões de t

Produto	1971/75		1976/80		1981/85	1986/90
	Planejada	Realizada	Planejada	Realizada	Planejada	Planejada
Grãos	195,0	181,6	220,0	205,0	238–243	250–255
Carne	14,3	14,0	15,4	14,8	17,0–17,5	20,0–20,5
Leite	92,3	87,4	95,3	92,6	97,0–99,0	104,0–106,0

FONTES: USDA, Feedstuffs.

abate do gado bovino foi imediato, passando dos 364 kg/cabeça em 1979 para 355 kg. Esta queda continua sendo observada nos últimos anos, prejudicando a produção tanto de carne quanto de leite. Também o rebanho suíno tem sofrido com esta escassez de alimentos (Quadro 8), sobretudo em função da aceleração dos abates. Com efeito, a eliminação de suínos é preferível à liquidação do rebanho bovino, cuja recomposição é mais lenta.

Assim, no ano de 1980, os soviéticos conviveram não só com menores produções de batatas (viga-mestre da alimentação do povo soviético), oleaginosas e vegetais, como também com a retração de 0,4 milhão de t na produção de carne e de 2,6 milhões de t na de leite, em relação à obtida em 1979. Ou seja, registrou-se uma queda quase generalizada na oferta interna de alimentos, a despeito do aumento vertiginoso das compras externas de produtos agrícolas verificado naquele ano.

A este respeito, o Quadro 10 mostra que o consumo estimado de carnes vermelhas na URSS em 1982 ainda deverá ser inferior ao de 1979, com especial destaque para a redução apresentada no caso da carne bovina (-2,6%). Apenas o consumo de carne de aves mantém-se em franca ascensão naque-

QUADRO 5

URSS – Comércio de Produtos Agrícolas Selecionados – 1977 a 1981
(1.000 t e 1.000 rublos)

	1977	1978	1979	1980	1981
Exportações					
Cereais (1.000 Rublos)	397.108,0	140.482,0	365.455,0	201.297,0	290.439,0
Carne e Prods. Cárneos (1.000 t)	32,8	38,6	33,5	35,1	81,4
Banha (1.000 t)	99,8	105,5	93,2	90,4	83,3
Açúcar Refinado (1.000 t)	81,1	162,1	225,5	151,7	169,2
Manteiga (1.000 t)	17,8	17,6	17,9	18,5	13,2
Queijo (1.000 t)	7,5	7,6	7,8	7,4	9,2
Leite Condensado (1.000 t)	23,5	23,3	22,9	24,2	23,6
Peixe (1.000 t)	403,8	460,1	474,5	783,5	373,6
Farinha (1.000 t)	650,9	769,0	761,6	600,8	573,0
Óleos (1.000 t)	231,3	248,5	112,9	124,0	116,1
Importações					
Cereais[1] (1.000 t)	12–13	22–23	26–27	30–32	40–42
Oleaginosas (1.000 t)	1.455,3	966,3	1.813,5	1.154,8	1.459,0
Gado p/abate (1.000 rublos)	86.413,0	52.408,0	88.597,0	99.069,0	126.835,0
Carne e Prods. Cárneos (1.000 t)	616,9	183,5	611,3	820,9	980,0
Açúcar Refinado (1.000 t)	458,0	2,9	293,9	1.056,1	936,2
Açúcar Demerara (milhão t)	4,3	4,0	3,8	3,8	4,2
Manteiga (1.000 t)	75,7	38,9	174,2	249,0	215,1
Queijo (1.000 t)	6,2	6,1	7,1	12,5	22,3
Leite em pó (1.000 t)	40,0	27,0	40,2	70,1	76,6
Peixe (1.000 t)	35,7	79,6	111,6	181,9	57,3
Farinha (1.000 t)	462,4	391,3	791,5	959,0	1.567,9
Óleos (1.000 t)	126,0	167,0	199,3	356,9	604,1
Ovos (milhão)	691,1	679,7	767,4	737,4	556,5

[1] Calculado utilizando-se a média dos preços internacionais.
FONTE: Agra-Europe.

le país, visto o curto ciclo da ave e sua elevada taxa de conversão colocarem-na em vantagem frente às criações de bovinos e suínos. Durante a temporada 1981/82, a URSS adquiriu o volume recorde de 46 milhões de t de grãos no exterior, em razão de sua produção de grãos ter sido de apenas 160 milhões de t. A origem da quase totalidade destas compras encontra-se discriminada no Quadro 11, assim como a participação das vendas norte-americanas sobre o total, que, embora tenha aumentado dos 24% observados em 1980/81, para 33%, continua muito abaixo dos 70% observados antes do embargo. Para 1982/83, estimava-se que as compras de grãos por parte da URSS no exterior alcançassem, pelo menos, valor semelhante ao da temporada anterior, já que a safra soviética, devido a problemas de ordem climática e à escassez de insumos básicos e de maquinaria, foi prevista em apenas 170 milhões de t (a menor dos últimos sete anos), 66 milhões de t abaixo da meta contida no atual Plano Quinqüenal de produção.

No entanto, para surpresa dos norte-americanos, a evolução recente da colheita soviética destes produtos fê-la ser revista para 180 milhões de t, enquanto que as importações deverão diminuir para 37 milhões de t. Conseqüentemente, a disponibilidade interna destes produtos (excluindo-se os estoques iniciais) ficará em 216,5 milhões de t, mais de 5% acima do verificado na temporada anterior.

Esta revisão para mais do consumo de grãos, por parte da economia soviética, deverá concentrar-se dentro do segmento de arraçoamento animal, cuja estimativa de consumo, ao atingir 120 milhões de t, revela-se 7,1% superior à da temporada precedente, embora ainda bastante menor do que aquela observada em 1978/79.

Parece, desta forma, que o Kremlin buscará incentivar a produção animal interna, apoiado em uma esperada maior produção de forrageiras e numa melhor eficiência no uso dos grãos para o arraçoamento animal.

QUADRO 6

URSS: Maquinaria nas Propriedades Coletivas (Inventário Feito a Cada Fim de Ano) — 1975 a 1980

Item \ Ano	1975	1976	1977	1978	1979	1980
Tratores (milhões)	1.064	1.071	1.085	1.097	1.099	1.057
Total HP (milhões)	66	69	72	75	76	76
Caminhões (mil)	520	516	524	525	530	529
Capacidade de transporte (milhão de t)	1.446	1.465	1.505	1.543	1.595	1.631

FONTE: Feedstuffs.

Também a revisão para menos das importações soviéticas de grãos faz crer que a URSS esteja pretendendo tomar medidas extraordinárias para maximizar a utilização precoce do grão produzido internamente, minimizando sua dependência do grão importado até o final da temporada. Afinal de contas, as reservas soviéticas de moedas fortes encontram-se seriamente abaladas, assim como encontram-se em baixa as cotações do ouro e do petróleo, recursos de que Moscou dispõe para a venda ao exterior.

Neste contexto, os EUA, por serem o maior produtor mundial isolado de grãos, vêm encontrando grandes dificuldades em gerir seus estoques, que

QUADRO 7

URSS: Oferta e Demanda de Grãos, Trigo e Grãos "Coarse" – 1972/73 a 1982/83

Ano	Prod.	Comércio (jul/jun) Imp.	Exp.	Disponibilidade[1] (jul/jun)	Consumo Total[1]	Sementes	Industrial	Alim. Humana	Perdas[2]	Rações	Variação Estoques (jul/jun)[3]
					GRÃOS[4]						
1972/73	168	22,8	1,8	189	187	26	3	45	15	98	+2
1973/74	223	11,3	6,1	228	214	27	3	45	33	105	+14
1974/75	196	5,7	5,3	196	206	28	3	45	23	107	−10
1975/76	140	26,1	0,7	166	180	28	3	45	14	89	−14
1976/77	224	11,0	3,3	232	221	29	3	45	31	112	+11
1977/78	196	18,9	2,3	213	228	28	4	45	29	122	−16
1978/79	237	15,6	2,8	250	231	28	4	46	28	125	+19
1979/80	179	31,0	0,8	209	222	28	4	46	22	123	−13
1980/81[5]	189	34,8	0,5	223	228	27	4	47	28	122	−5
1981/82[6]	160	46,0	0,5	206	206	27	4	47	16	112	0
Projetado 1982/83	180	37,0	0,5	216	216	27	4	47	18	120	0
					TRIGO						
1972/73	86	15,6	1,3	100	98	14	1	35	8	41	+2
1973/74	110	4,5	5,0	109	96	14	1	34	16	30	+13
1974/75	84	2,5	4,0	82	93	14	1	34	10	34	−11
1975/76	66	10,1	0,5	76	87	15	1	35	7	30	−11
1976/77	97	4,6	1,0	100	92	15	1	35	14	28	+8
1977/78	92	6,6	1,0	98	108	15	1	35	14	44	−10
1978/79	121	5,1	1,5	125	107	14	1	35	14	43	+18
1979/80	90	12,0	0,5	102	115	15	1	35	11	53	−13
1980/81[5]	98	16,0	0,5	114	117	15	1	36	15	50	−3
1981/82[6]	80	19,5	0,5	99	99	15	1	36	8	39	0
Projetado 1982/83	86	17,0	0,5	102	102	15	1	36	9	41	0
					GRÃOS COARSE						
1972/73	72	6.9	0.4	79	79	11	2	7	7	53	0
1973/74	101	6.4	0.9	106	105	11	2	7	15	70	+1
1974/75	100	2.7	1.0	101	100	11	2	7	12	68	+1
1975/76	66	15.6	–	81	84	12	2	7	7	56	−3
1976/77	115	5.7	2.0	119	116	12	3	7	16	78	+3
1977/78	93	11.7	1.0	103	109	11	3	7	14	74	−5
1978/79	105	10.0	1.0	114	113	12	3	7	13	79	+1
1979/80	81	18.4	–	100	100	12	3	7	10	68	0
1980/81[5]	81	18.0	–	99	101	11	3	7	12	68	−2
1981/82[6]	72	25.5	–	98	102	11	3	7	7	70	0
Projetado 1982/83	85	19.0	–	104	104	11	3	7	8	75	0

[1] Disponibilidade exclui os estoques iniciais. Totais podem não fechar devido ao arredondamento das cifras.
[2] Inclui perdas após a colheita, ocorridas no transporte e estocagem.
[3] O sinal negativo indica diminuição de estoques.
[4] Inclui grãos de leguminosas, arroz e outros grãos.
[5] Preliminar para comércio, disponibilidade, utilização e variação de estoques.
[6] Previsão para produção, comércio, disponibilidade, utilização e variação de estoques.

OBS.: Desde 1980 a URSS não divulga seus dados de produção de grãos; os números apresentados são estimativas do USDA.

crescem há duas safras consecutivas. Isto porque a perda parcial do mercado soviético, aliada à recessão econômica mundial, vem atingindo fortemente os preços destes produtos, o que, em última instância, tem desagradado os agricultores norte-americanos, que passaram a engrossar o contingente de insatisfeitos com a política econômica do atual governo republicano. Na verdade, a temporada 1982/83 tem sido um desafio especial para as autoridades agrícolas norte-americanas, que têm, antes de tudo, que driblar problemas muito sérios de estocagem. Estes só tendem a se agravar, à medida em que se desenrola a colheita do milho. Em meados de novembro, por exemplo, os estoques deste cereal em mãos dos produtores eram 64% superiores aos de um ano antes, enquanto que o estoque da **Commodity Credit Corporation** era 59% maior.

Além do mais, a política agrícola a ser implementada em 1983 dependerá dos acontecimentos verificados este ano, e a incerteza quanto às deliberações soviéticas só serve para manter as dúvidas dos produtores quanto ao desempenho do governo Reagan. Afinal de contas, pela segunda vez, este governo não conseguiu renovar o acordo de longo prazo de fornecimento de grãos (trigo e milho) à URSS firmado em outubro de 1976, obtendo, apenas, uma nova prorrogação de doze meses (Quadro 11). Frustraram-se, assim, os planos acalentados pelos agricultores, de garantir o escoamento de parte dos recentes superávits das safras de grãos para o mercado soviético, o que deixa poucas opções quanto à venda destes produtos ao exterior. Mesmo esta segunda prorrogação do acordo tem sido pontilhada de desencontros entre as duas partes, pois, enquanto os EUA propuseram que a quantidade transacionada fosse de 23 milhões de t, Moscou reticentemente deixou antever que suas compras poderão não ser superiores a 14 milhões de t. Esta incerteza quanto às compras soviéticas na presente temporada levou o governo norte-americano a garantir à URSS que a entrega do volume oferecido seria feita incondicionalmente, desde que a compra fosse efetuada até o fim de novembro. No entanto, os soviéticos saudaram friamente esta proposta, não tomando nenhuma decisão a respeito e preferindo dar andamento ao acordo com a França, pelo qual

QUADRO 8

URSS – Pesos Médios de Abate do Gado Bovino e de Suínos – Janeiro/Maio-1977 a Janeiro/Maio-1982 – kg/cabeça

Período	Bovinos	Suínos
Janeiro/maio 1977	354	101
Janeiro/maio 1978	371	104
Janeiro/maio 1979	370	104
Janeiro/maio 1980	361	99
Janeiro/maio 1981	358	101
Janeiro/maio 1982	348	100

FONTE: USDA.

QUADRO 9

URSS – Rebanhos Bovino, Suíno e Aves – Variações Percentuais em Relação a um Ano Antes

	1982	1981		1980	
	Início	Início	Meados	Início	Meados
Rebanho Bovino Total	100,5	100,0	100,9	100,9	100,9
Vacas Leiteiras	100,5	100,2	100,3	100,7	101,0
Suínos	99,7	99,3	101,6	100,6	98,2
Aves	103,0	104,9	104,4	103,6	102,7

FONTE: Oil World.

este país se compromete a entregar à URSS de 1,5 a 3 milhões de toneladas de grãos/ano, até 1985.

Paralelamente, este ano têm aumentado as ofertas de grãos à URSS provenientes da Argentina (13,5 milhões de t) e da própria CEE (3 milhões de t), que vêm contrabalançar a menor oferta australiana, cuja safra foi prejudicada pela seca. Além destes dois fornecedores, os soviéticos ainda deverão receber o produto canadense (mais de 8,2 milhões de t) e da Europa Oriental (1,3 milhão de t) durante a temporada em questão.

Caso os soviéticos adquiram apenas 14 milhões de toneladas aos EUA, a participação norte-americana nas importações globais soviéticas de grãos ficará próxima dos 35% observados na temporada anterior, deixando os norte-americanos em situação mais delicada do que aquela verificada em 1981/82, principalmente no tocante ao milho, cuja colheita deverá gerar o volume recorde de 211,6 milhões de t. A este respeito, o Gráfico 2 mostra que os preços reais deste cereal, na atual temporada, continuam a trajetória descendente iniciada em 1980/81, refletindo as más condições de comercialização em vigor.

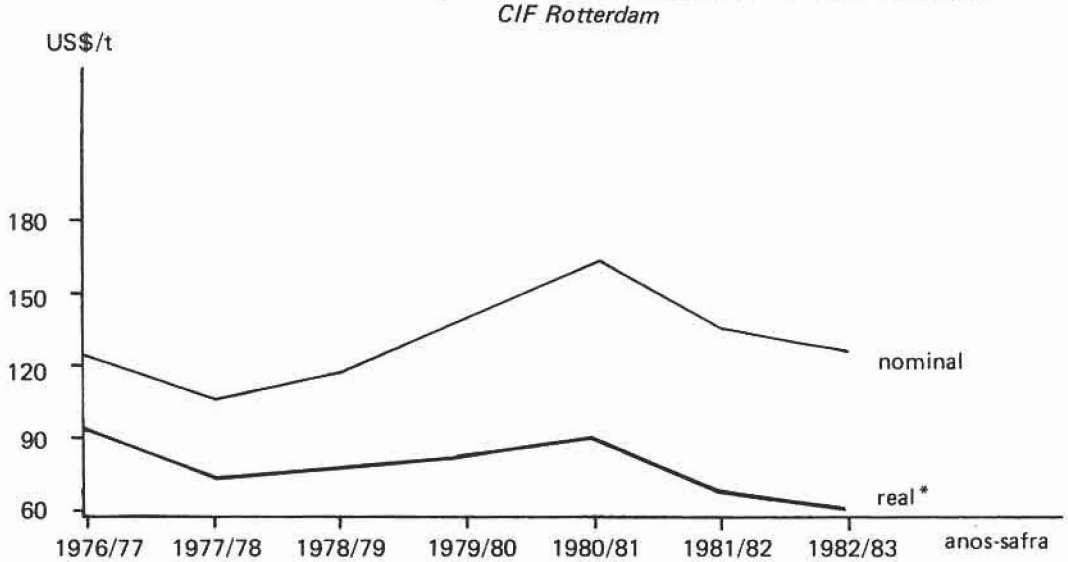
Foi neste quadro de ampla oferta mundial de grãos que o Brasil obteve sua quarta safra recorde consecutiva de milho, ao colher perto de 23 milhões de t este ano. Este volume, aliado à estabilidade da demanda interna e ao estoque inicial de 1,4 milhão de toneladas, fez reacenderem-se as esperanças, na área governamental, de que a exportação de pelo menos parte do excedente seria mais um fator a favorecer a obtenção de superávit na balança comercial deste ano.

Como não podia deixar de ser, porém, a colocação do milho brasileiro no exterior foi afetada pela grande oferta do produto norte-americano, dominante no mercado. Assim foi que a quase totalidade das 503,5 mil t do produto vendidas pelo Brasil este ano foi adquirida pela Espanha, país que buscava grão apropriado à alimentação humana, qualidade que falta ao milho norte-americano. Os espanhóis também podem obter alguma vantagem em relação ao frete do Brasil. Ressalte-se, todavia, que a Espanha também adquire, rotineiramente, uma certa quantidade de milho proveniente dos EUA.

A despeito de estas vendas haverem significado a arrecadação de divisas da ordem de US$ 49,8

GRÁFICO 2

*MILHO Nº 3 YELLOW – Preços no Mercado Internacional – 1976/77 a 1982/83**– CIF Rotterdam*



* deflacionado pelo deflator do PNB fornecido pelo Departamento de Comercialização dos EUA, para 1972.
** preços observados até 10/08/82.
FONTE: USDA.

milhões, a CFP recentemente suspendeu as concorrências para exportação, já que os preços, no mercado interno, iniciaram um movimento de alta devido à entressafra, o que tornou mais vantajosa a venda do produto no mercado doméstico. Deste modo, três fatos têm obstado as vendas brasileiras de milho este ano: o mercado encontra-se francamente vendedor, a oferta específica do produto norte-americano é maciça, e a economia mundial permanece numa fase recessiva.

Daí, muita cautela deve caracterizar a proposta de exportações futuras do milho brasileiro, de forma a que não se deixe de satisfazer o consumo interno. Tal postura foi adotada este ano, ao se limitarem as vendas externas do produto às 500 mil t inicialmente projetadas pelo governo, o que possibilitou

QUADRO 10

URSS – Produção, Importação e Exportação de Carnes e Ovos – Média 1973/77 até 1982
(Carnes em mil t e Ovos em Milhões de Unidades)

	1973/77	1978	1979	1980	1981	1982*
Produção Carne Bovina	6.434	7.086	7.029	6.673	6.700	6.650
Produção Carne Suína	5.108	5.302	5.289	5.092	5.200	5.200
Produção Carne Ovina	944	921	870	844	800	900
Produção Carnes Vermelhas	12.486	13.309	13.188	12.609	12.700	12.750
Produção Frangos	178	363	560	695	750	800
Produção Carne Aves	1.391	1.902	2.017	2.103	2.300	2.450
Produção Ovos	56.099	64.517	65.585	67.828	70.900	73.200
Exportação Carne Bovina	nd	30	33	30	30	30
Importação Carne Bovina	nd	240	250	405	421	440
Exportação Carne Suína	nd	26	–	–	–	–
Importação Carne Suína	nd	59	125	100	115	140
Exportação Carne Ovina	nd	–	–	–	–	–
Importação Carne Ovina	nd	69	94	157	160	200
Exportação Carnes Vermelhas	nd	56	33	30	30	30
Importação Carnes Vermelhas	nd	368	469	662	696	780
Exportação Frangos	nd	–	–	–	–	–
Importação Frangos	nd	39	87	110	130	130
Exportação Carne Aves	nd	–	–	–	–	–
Importação Carne Aves	nd	71	140	159	180	220
Exportação Ovos	nd	–	–	–	–	–
Importação Ovos	nd	715	767	737	800	800
Consumo Carne Bovina	6.637	7.104	7.246	7.048	7.091	7.060
Consumo Carne Suína	5.130	5.350	5.414	5.192	5.315	5.340
Consumo Carne Ovina	1.010	949	964	1.001	960	1.100
Consumo Carnes Vermelhas	12.777	13.403	13.624	13.241	13.366	13.500
Consumo Frangos	210	395	647	805	880	930
Consumo Carne Aves	1.461	1.953	2.157	2.262	2.480	2.670
Consumo Ovos	56.838	65.196	66.352	68.565	70.500	74.000

nd: não disponível.
FONTE: USDA.
* Previsão.

QUADRO 11

URSS – Importações Totais de Grãos[1] por País de Origem (1.000 t)

Trimestre	EUA	Canadá	Austrália	CEE	Argentina	Outros	Total[2]	Participação dos EUA no total (%)
Jul/Set 80	0	2.315	648	250	1.821	866	5.900	0
Out/Dez 80	3.867	2.023	799	115	886	1.110	8.800	44,0
Jan/Mar 81	3.705	354	978	375	2.654	1.034	9.100	41,0
Abr/Jun 81	428	2.200	437	397	5.847	891	10.200	4,2
Jul 80/jun 81	8.000	6.892	2.862	1.137	11.208	3.901	34.000	24,0
Jul/Set 81	1.518	2.180	313	522	5.855	412	10.800	14,1
Out/Dez 81	4.373	3.001	103	904	652	967	10.000	44,0
Jan/Mar 82	5.788	807	906	368	2.809	522	11.200	52,0
Abr/Jun 82	3.708	3.253	1.152	50[3]	3.961	776	12.900	29,0
Jul 82/Jun 82	15.387	9.241	2.474	1.844	13.277	3.777	46.000	33,0

FONTE: USDA.

[1] Baseado nas exportações confirmadas pelos países especificados e em estimativas de exportação de outros países à URSS.

[2] Parcialmente estimado, incluindo estimativas para os países não especificados, ou para os países sobre os quais não há informação.

[3] Preliminar.

a manutenção de um estoque interno do produto suficiente para que sua comercialização em leilões da Bolsa de Cereais de São Paulo moderasse os aumentos do preço do cereal na entressafra.

Não resta a menor dúvida de que a posição ideal para o país seria não só a de dispor de uma produção de milho suficiente para atender a todas as suas necessidades internas, como também a de ver as exportações do produto contribuírem para a expansão do superávit da balança comercial. Contudo, dentro da atual política restritiva de crédito aos produtores e da iminente redução dos subsídios à agricultura, a cultura do milho corre o risco de sofrer graves prejuízos, visto tratar-se de produto caracteristicamente proveniente de propriedades pequenas e descapitalizadas. É da máxima importância, porém, que este cultivo não venha a sofrer retração, pois as necessidades internas do cereal revelam-se cada vez mais prementes, com a continuada expansão da atividade avícola (tanto para consumo interno quanto externo), além do provável (ainda que marginal) aumento da necessidade interna deste grão, à medida em que se fizer inadiável a retirada do subsídio ao preço do trigo*.

As autoridades governamentais desejam que, em 1983, o saldo da balança comercial se situe em US$ 6 bilhões (650% acima do superávit esperado para este ano), muito embora a almejada elevação de 14% nas vendas globais externas pareça muito menos factível do que a queda de 12,4% esperada nas importações. Desta forma, não podendo prescindir de qualquer contribuição das vendas ao exterior, por menor que seja, o governo federal revelou o firme propósito de agilizar as exportações de produtos primários, em 1983, apesar de não haver garantia alguma quanto à recuperação das cotações destas ***commodities***, no curto e médio prazos. Paralelamente, o Departamento de Agricultura dos EUA estima que as exportações brasileiras de milho durante a temporada 1983/84 venham a ser de 1 milhão de t, o que já seria um primeiro sinal mais concreto para as aspirações brasileiras, no que tange às vendas deste produto.

De qualquer forma, parece altamente pretenciosa a intenção do país de fortalecer sua posição como abastecedor externo do produto, quando, internamente, defronta-se com um processo de manutenção ou decréscimo do já baixo rendimento físico da cultura. Alcançando apenas 2,1 t/ha na safra passada*, a produtividade do milho no Centro-Sul do país deixa muito a desejar, principalmente se levarmos em conta que se trata da cultura que abrange a maior extensão de terras cultivadas, no país. O que significa, em última instância, que todo e qualquer projeto de alçar o Brasil à condição de exportador de milho depende, diretamente, de um maciço apoio tecnológico e financeiro a esta cultura, sem o qual sua participação no rol dos países vendedores deste cereal poderá revelar-se tão claudicante quanto efêmera.

* Vale lembrar que a chamada "farinha mista" panificável é composta de 75% de grãos de trigo e de 25% de farinha de milho integral desengordurada. Recente estudo desenvolvido pelo ITAL previu que a necessidade extra de grãos de milho para o procedimento a esta mistura, para o consumo projetado de 1982, seria de cerca de 1,2 milhão de toneladas.

* A produtividade média norte-americana da safra 1982/83 do cereal foi de 7,2 t/ha.

QUADRO 12

EUA — Exportações de Trigo e Milho à URSS Durante o Acordo Quinqüenal de Venda de Grãos e a Prorrogação de Um Ano; Estimativa de Venda para o 2º Ano de Prorrogação

Período	Trigo (1.000 t)	Milho (1.000 t)	Total (1.000 t)
Out 76/Set 77	3.064	3.052	6.116
Out 77/Set 78	3.453	11.132	14.585
Out 78/Set 79	3.971	11.530	15.501
Out 79/Set 80	2.171	5.768	7.939
Out 80/Set 81	3.780	5.738	9.518
Out 81/Set 82[1]	6.097	7.742	13.839
Out 82/Set 83[2]	nd	nd	14.000

nd: não disponível.
[1] preliminar.
[2] previsão
FONTE: USDA.

COMENTÁRIOS

ALGODÃO

A oferta deverá ser maior em 1983, criando problema de colocação do produto

A primeira estimativa da área plantada com algodão na região Centro-Sul, para a safra que começará a ser colhida em fevereiro próximo, aponta uma redução de 0,3%, embora a produção deva apresentar um aumento de 6% (ver Quadro 1). A única expansão na área cultivada ocorreu no Paraná, com 7,5% de aumento sobre a área da safra 1981/82. Nos demais estados produtores da região, ocorreram reduções na área cultivada com a malvácea, sendo que Goiás apresenta a maior queda, de 28,2%, se comparada com a área da safra 1981/82 (ver Quadro 1).

A expansão ocorrida no Paraná pode ser explicada pelo estímulo dado ao plantio de algodão, no que se refere ao VBC e ao preço básico fixados pelo governo em meados deste ano. Além disso, os rendimentos obtidos com a cultura na atual safra garantiram aos produtores melhor remuneração, se comparada com a situação dos cotonicultores dos demais estados onde a produtividade apresentou queda, devido aos problemas climáticos ocorridos durante as épocas de maturação e colheita.

Assim, naqueles estados, a redução na produtividade, associada aos baixos preços praticados durante a comercialização da safra, tiveram significativo peso na redução da rentabilidade do produtor, que procurou, desta forma, outras alternativas de plantio, tentando uma melhoria nos seus ganhos futuros.

A produção brasileira de algodão poderá, deste modo, apresentar novo aumento em 1983, caso permaneçam favoráveis as condições climáticas nas regiões Centro-Sul e Nordeste do país. Este quadro de suprimento folgado, tenderá, a exemplo do que aconteceu este ano, a deprimir os preços de mercado, colando-os

QUADRO 1

ALGODÃO – Área, Produção e Rendimento na Região Centro-Sul – Safras 1981/82 e 1982/83

Estados	1981/82			1982/83[1]			Var. % anual	
	Área(ha)	Produção(t)	kg/ha	Área(ha)	Produção(t)	kg/ha	Área	Produção
Paraná	372.000	688.000	1.850	400.000	760.000	1.900	7,5	10,5
São Paulo	310.500	471.000	1.517	300.000	480.000	1.600	–3,4	2,0
Minas Gerais	105.400	80.631	765	95.900	95.900	1.000	–9,0	19,0
Goiás	39.000	63.180	1.620	28.000	43.960	1.570	–28,2	–30,4
Mato Grosso do Sul	41.665	61.289	1.471	41.500	66.400	1.600	–0,4	8,3
TOTAL	868.065	1.364.100	–	865.400	1.446.260	–	–0,3	6,0

FONTE: CFP, IEA e DERAL.
[1] Estimativa inicial.

ao preço mínimo que será conhecido em janeiro. A disponibilidade de excedentes crescentes forçará novamente a entrada do Brasil no mercado internacional de algodão em pluma e, conseqüentemente, à determinação de medidas que beneficiem o produto no que se refere ao preço. Nesse sentido, a isenção do ICM à exportação de uma quota de 100 mil t até dezembro deste ano já foi prorrogada até março de 1984. Desta quota, cerca de 60 mil t de algodão em pluma já foram vendidas no exterior, parte através do esquema da CFP e parte via exportação normal. Quanto às outras 40 mil t, assim que forem exportadas, nova quota deverá ser determinada, visto que o excedente disponível em 1983 deverá ser superior ao estimado este ano, pois a produção será maior e o consumo — caso se concretizem as perspectivas para 1983 — deverá apresentar redução, tendo em vista uma provável queda nas vendas internas e externas da indústria têxtil.

A isenção do ICM, por si só, não será suficiente para tornar competitivo no mercado externo o algodão brasileiro, devendo ser necessárias medidas semelhantes às tomadas pela CFP para a exportação do produto em meados do ano. As exportações através deste esquema, porém, já há cerca de dois meses encontram-se fechadas, na medida em que não existem disponíveis no mercado algodões de tipos superiores e não há no exterior comprador para os algodões de tipos piores. Vale lembrar, ainda, que a indústria do Centro-Sul deverá ser forçada a adquirir os algodões nordestinos a preços considerados altos, tendo em vista a sua necessidade de algodões de melhores fibras e a não-existência de estoques que poderiam suprí-las até a entrada da próxima safra meridional, em fevereiro próximo. Embora a indústria têxtil nacional, neste ano, tenha conseguido se recuperar em parte dos prejuízos obtidos em 1981, as elevadas taxas de juros praticadas no mercado impediram que se formassem estoques. As vendas dos diversos subsetores apresentaram significativo aumento, se comparadas com o ano passado, devendo retornar aos níveis de 1980. O consumo de algodão da indústria paulista no 1º semestre deste ano apresentou um aumento de 5,7%, só sendo ultrapassado pelas fibras sintéticas que apresentaram crescimento de 12,8%, embora no total das matérias-primas o crescimento tenha sido de 4,9% no mesmo período, se comparado com o 1º semestre de 1981. Assim, caso as vendas de fim de ano fiquem próximas das expectativas, o setor deverá apresentar neste ano um crescimento bastante significativo, na medida em que as vendas ao consumidor de produtos têxteis vêm apresentando desde o início do ano uma ótima performance. As exportações, por outro lado, deverão ficar abaixo ou muito próximas do valor conseguido no ano passado, embora o volume deva apresentar ligeiro aumento, tendo em vista que o preço médio dos produtos vem caindo acentuadamente no mercado internacional. Além disso, a aquisição do algodão nordestino pela indústria têxtil do Sudeste deverá elevar seus custos de produção, reduzindo a já tão pequena competitividade dos têxteis brasileiros no mercado externo. Vale lembrar ainda que, a partir de junho próximo, o crédito-prêmio provavelmente não mais existirá, tornando mais difícil a colocação dos artigos brasileiros no competitivo mercado internacional de têxteis. A aceleração das mini-desvalorizações e a elevação das cotações do algodão no mercado externo deverão atenuar este quadro extremamente desanimador, embora não devam ser suficientes para compensar as perdas, pois tudo indica que, no próximo ano, o mercado externo tornar-se-á ainda mais restritivo no que concerne à venda de têxteis dos países do Terceiro Mundo para as nações desenvolvidas.

ARROZ

Menor disponibilidade no próximo ano

As avaliações referentes ao plantio da safra de arroz 1982/83 têm confirmado as tendências esperadas. No entanto, o comportamento do clima deverá influenciar sobremaneira, fazendo com que as entidades ligadas à agricultura de regiões em que se contava com aumento, ou repetição, da área plantada da safra 1981/82

sejam obrigadas a rever suas posições.

Com efeito, o acompanhamento do plantio do cereal no Centro-Oeste mostrou que deverá ocorrer nos três estados da região uma diminuição de 10% na extensão dos arrozais, o que já era esperado. No Rio Grande do Sul, porém, onde se supunha a repetição da área de cultivo da safra anterior, as fortes chuvas atrasaram todas as operações necessárias à semeadura. No início de dezembro, o estado deveria ter plantado cerca de 70% da área total, mas não se conseguiu chegar a 30%. Persistindo o atraso, a colheita da safra será feita entre 40 e 45 dias depois do prazo regular. As implicações destas dificuldades sobre a produtividade das lavouras não podem ser ainda avaliadas.

Destaque-se que as novas variedades altamente produtivas BR/IRGA 409 e BR/IRGA-410, recentemente introduzidas, serão majoritárias no atual plantio (estima-se que cobrirão 60% da área da orizicultura) o que elevaria extremamente a produtividade média estadual, em condições normais.

Atualmente, porém, não é possível prever como se desenvolverá a safra do cereal, pois sequer é conhecida a real extensão do plantio. No entanto, se as lavouras plantadas mais tarde poderão ser afetadas pelo frio, em 1983, pelo menos terão a certeza de um bom suprimento de água, pois, ao contrário do ano passado, as barragens do estado estão cheias.

No Maranhão, segundo maior produtor brasileiro, o plantio segue sem maiores percalços, a partir do Sul do estado. Houve dificuldades no financiamento da safra e se espera ou a repetição da área cultivada em 1981/82, ou uma ligeira expansão. É possível que ocorra uma melhoria na produtividade média estadual, em razão do uso crescente de sementes melhoradas.

Embora seja esperada a manutenção da área de plantio, ainda não se tem, em verdade, certeza quanto à real dimensão da safra maranhense passada. A CFP estimou a área plantada no estado em 1,174 milhão de ha e o IBGE, a área colhida, em 1,167 milhão de ha. Para a CFP, a safra foi de 1,585 milhão de t e, para o IBGE,

QUADRO 1

ARROZ EM CASCA: Evolução dos Preços Médios Recebidos pelos Orizicultores nos Principais Estados Produtores (Valor Nominal) — Cr$/60 kg

Estado	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro
Rio Grande do Sul	1.949,53	2.246,87	2.232,86	2.173,59	2.131,25	2.235,16	2.288,17	2.213,39	2.215,18	2.398,21	2.604,76
Maranhão	2.161,17	2.191,43	—	1.760,00	—	1.423,60	1.462,71	1.719,54	1.866,49	2.019,50	2.272,86
Goiás	2.052,23	2.062,71	1.991,43	2.010,83	2.054,02	2.355,30	2.433,04	2.558,75	2.659,82	2.807,03	2.942,50
Mato Grosso	1.855,00	1.865,62	1.749,00	1.729,04	1.971,07	1.911,67	1.982,29	2.014,17	2.140,00	2.250,00	2.641,67
Minas Gerais	1.718,37	1.959,46	1.971,33	2.161,55	2.020,27	2.083,32	2.187,96	2.301,12	2.411,69	2.732,67	2.923,08
São Paulo	2.269,58	2.363,33	2.388,63	2.418,75	2.406,48	2.587,29	2.710,56	2.926,67	3.028,72	3.367,12	3.404,76
Paraná	2.313,54	2.842,50	2.843,00	2.902,38	2.949,06	3.075,00	3.386,25	3.438,50	3.452,70	3.145,06	3.869,92

FONTE: CIMAG.

de 1,576 milhão de t, mas estão sendo feitas reavaliações pelo primeiro orgão, pois o Maranhão é o grande fornecedor de arroz do Nordeste e o comportamento dos preços do produto na região sugere que talvez a safra tenha sido superdimensionada.

Com base na evolução da safra até o momento, pode-se antecipar uma oferta inferior à da safra 1981/82, de aproximadamente 9,7 milhões de t. Registre-se, porém, que a safra passada iniciou-se com um estoque de 1,7 milhão de t e a safra 1982/83 começará com estoques próximos a 2,2 milhões de t.

Mesmo a presença de estoques de vulto não tem sido suficientes para deprimir o mercado, que tem progredido nas últimas semanas, em razão da demanda pelo produto de melhor qualidade (ver Quadro 1) e da política governamental de liberação gradual do arroz estocado.

Caso o plantio gaúcho consiga recuperar-se e a produtividade das regiões de sequeiro não seja comprometida, no verão, o abastecimento do produto tenderá ao equilíbrio, em 1983.

FEIJÃO

Chuvas no Sul, estiagem no Sudeste, e repetem-se os velhos problemas

A safra de feijão 1981/82 registrou números inéditos e caracterizou-se pela marcante presença do governo federal na intermediação do produto. Devido à vigência generalizada de preços deprimidos, o Estado tornou-se o maior detentor de estoques de feijão, no país, passando a vendê-los por preços baixos e, mesmo assim, sem esvaziar seus armazéns.

Tal situação está-se repetindo na safra das águas 1982/83, pois o atual preço mínimo, em vigor desde 1º/11/82 (Cr$ 6.905,26/60 kg) supera os preços de mercado. No entanto, a tradicional vulnerabilidade das lavouras de feijão poderá alterar este quadro. Com efeito, embora ainda não esteja disponível uma avaliação completa do desenvolvimento da safra, sabe-se que ela já apresenta muitos problemas.

Assim, por exemplo, no Paraná, maior estado produtor da primeira safra, a Secretaria de Agricultura local esperava que os 730 mil hectares plantados nesta safra produzissem entre 550 e 600 mil t. Atualmente, em razão do excesso de chuvas, esta avaliação está reduzida ao intervalo entre 480 e 530 mil t. Além da quebra em si, há que considerar as perdas derivadas da má qualidade do produto colhido. De fato, já foram colhidos 20% da safra e a maior parte dos grãos não tem atingido sequer o nível do tipo 5, o mais baixo da escala classificatória da CFP (Cr$ 6.277,00/60 kg). Deste modo, persistem preços baixos, entre Cr$ 4.000,00 e Cr$ 4.500,00, tudo indicando que a política de preços mínimos deverá ser, mais uma vez, bastante atuante no estado.

Em São Paulo verificam-se as mesmas dificuldades, com as chuvas afetando a qualidade do produto e preços deprimidos. O Instituto de Economia Agrícola estimou que o plantio atual deve ter apresentado uma redução de área de 13%, atingindo 264,3 mil hectares. Também a terceira safra paulista, a "safrinha" de inverno apresentou problemas. Apesar de ser constituída, quase que exclusivamente, pela produção de lavouras irrigadas, sofreu a incidência de diversas doenças e a produtividade esperada, de 1.200 kg/ha não foi atingida. Foram colhidas, segundo o IEA até outubro, 58,2 mil t, de uma área plantada de 60.460 hectares. Diante desta situação, pode-se prever uma nova redução no cultivo da safra da seca, a ser iniciado em fevereiro, no estado.

Estes mesmos problemas são encontrados também no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina. Já em Minas Gerais, quarto maior produtor de feijão da safra das águas passada e primeiro da safra da seca, as dificuldades são outras. Naquele estado, não foi o excesso de chuvas que prejudicou as plantações e, sim, ao contrário, um longo período de seca. De acordo com a Companhia de Financiamento da Produção, os 305,4 mil hectares plantados com o feijão das águas, no ano passado, foram reduzidos a 266 mil hectares, em 1982/83. Destes, possivelmente 6% já foram perdidos, em razão da falta

de chuvas, que também provocou um retardamento no plantio. Normalmente, no início de dezembro, deveriam estar plantados 90% da área, mas, no período atual, só se completaram 62% do plantio.

Destaque-se, porém, que a seca foi mais inclemente em regiões de pouca expressividade na produção estadual, no Norte de Minas. A região de Unaí, por exemplo, registrou 70% de perdas, mas participa pouco nesta safra e só havia plantado 30% do intencionado. Dos 6% perdidos, 4,8% localizam-se em Pedra Azul, no norte do Jequitinhonha, que detém 12% da safra estadual, havia plantado 40% de sua área, e os perdeu completamente.

Na Zona da Mata, apesar das poucas chuvas, não há danos dignos de nota e ainda há a possibilidade do replantio. A situação do Espírito Santo é semelhante.

Assim, o cultivo do feijão, por sua grande dispersão geográfica, padecerá dos diferentes excessos climáticos da região Sul e do Sudeste. Em nível geral, as estimativas de diversas fontes convergem para uma quebra de safra, nas condições atuais, da ordem de 20%. Considerando-se que era aguardada uma produção de cerca de 1,58 milhão de t, as perdas atuais já teriam reduzido a oferta a algo em torno de 1,27 milhão de toneladas. Devido à existência de grandes estoques do produto em mãos do governo federal (estima-se o estoque remanescente de 1981/82 em 650 mil t) não deverão ocorrer problemas no abastecimento, caso a situação da safra não se deteriore ainda mais.

MILHO

A fraqueza do mercado, em 1982, influenciou sobremaneira o plantio atual

Começam a se delinear os primeiros números da safra de milho 1982/83 no Centro-Sul do país, fornecidos pela Companhia de Financiamento da Produção, que a prevê próxima a 23,6 milhões de t. Paralelamente, aponta-se a perspectiva de que o Sul da Bahia e Rondônia consigam uma produção de cerca de 444 mil t, o que colocaria o volume do grão obtido no país na primeira fase da colheita (o Nordeste colhe mais tarde) 4,9% acima do total da safra 1981/82 (incluindo o Centro-Sul e o Nordeste), que foi de 23 milhões de toneladas.

Em termos do Centro-Sul, a responsabilidade deste aumento no volume a ser obtido deverá caber aos ganhos de produtividade da cultura, que deverá ter um rendimento físico 12% superior ao período anterior. Tudo indica que fatores de ordem econômico-financeira influenciaram decisivamente a semeadura do cereal (ver **Agroanalysis**, vol. 6, nº 8/9), assim como condições climáticas adversas, pois a área cultivada estimada nesta região sofreu uma contração de 1,8%.

Dentre os estados maiores produtores do grão, apenas o Paraná pretende manter inalterada sua área cultivada com o milho, praticamente repetindo os 2,3 milhões de hectares observados na safra anterior, situação que também aponta para a falta de opções de plantio com que se defronta o agricultor paranaense, este ano. Paralelamente, a estiagem observada em agosto e setembro obrigou ao atraso do plantio das variedades precoces de milho, cujas 250 a 300 mil t só deverão ser colhidas em fevereiro. Isto, sem dúvida, contribuirá para a alta dos preços do cereal.

A produção esperada no estado é 1,3% maior do que a colhida na safra 1981/82, visto acreditar-se num pequeno ganho no rendimento físico da cultura. Este fato, no entanto, corre o risco de não se concretizar, uma vez que a pouca utilização de sementes melhoradas* poderá comprometer a obtenção das 2,4 t esperadas por hectare.

Por outro lado, em São Paulo, tanto a área do milho na safra 1982/83 quanto a produção, deverão manter-se inalteradas, enquanto que os estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul prevêem, respectivamente, menos 4% e 4,7% nas extensões cultivadas com o grão. É bem verdade, no entanto, que os produtores destes dois estados sulinos estão apostando num ganho da produtividade física da cul-

* Conseqüência não só da Resolução 706, como do próprio preço atingido por este insumo (Cr$ 5.680,00/sc 40 kg).

tura, que chega a 14% no caso de Santa Catarina.

No caso específico dos cultivos gaúcho e catarinense, é muito provável que esta previsão de retração da área plantada venha a ser revista, por se tratarem de regiões em que a cultura do milho encontra-se fortemente atrelada à criação de suínos. Em vista dos bons lucros que esta exploração vem fornecendo ao criador neste ano (ver **Agroanalysis**, vol. 6, nº 10/11), não parece lógico que ocorra uma queda deste vulto na área semeada com o grão. Além do mais, a recente valorização do preço do milho colhido na safra passada tem trazido certo ânimo aos produtores, muito embora o preço médio do grão leiloado pela CFP tenha sofrido queda em seus três últimos pregões na Bolsa de Cereais de São Paulo (Quadro 1).

Quanto a Minas Gerais, no entanto, o desânimo local ultrapassa em muito o pessimismo registrado nos estados anteriormente citados, pois os dados de intenção de plantio apontavam uma perspectiva de redução da área cultivada com o milho, este ano, da ordem de 8%. A área anteriormente ocupada com a gramínea deverá ser redistribuída da seguinte forma: 5% para a formação de pastagens, 2,4% para terras ociosas e 1% para outras lavouras, ocorrendo apenas uma expansão de 0,4% na região de fronteira agrícola. É possível que os agricultores mineiros, animados pela recente valorização do preço do milho e pelas atualizações mensais do preço mínimo de garantia, venham a moderar esta sua intenção de redução da área, muito embora um plantio tardio sempre corra o risco de ter seu rendimento comprometido.

Uma vez que ainda é muito cedo para se ter certeza quanto ao volume da safra de milho meridional 1982/83, o mesmo acontecendo em relação ao consumo do grão para 1983, é muito provável que as cifras divulgadas pela CFP venham a ser revistas. É certo, no entanto, que estas primeiras estimativas da área cultivada deixam transparecer o desagrado dos produtores quanto aos baixos preços praticados durante a comercialização do produto colhido no presente ano.

Por outro lado, as vendas de milho brasileiro ao exterior significaram a retirada de 503,5 mil t do estoque doméstico do produto, e, até o seu décimo pregão, a CFP já havia leiloado 375,6 mil t do produto por ela estocado. Deste modo, parece que a tendência do preço do grão será de alta até o final do ano, não só devido à sensível redução dos estoques governamentais mas, também, à maior demanda deste insumo por parte dos criadores de aves e de suínos nesta época do ano. O que faz crer que os agricultores dos estados do Centro-Sul ainda possam vir a acelerar seu ritmo de plantio, até o limite do prazo recomendado pela extensão rural.

QUADRO 1

MILHO — Preços Médio e Máximo Registrados nos Pregões de Milho Nacional Leiloado pela CFP na Bolsa de Cereais de São Paulo — Cr$/60 kg

Pregões	Preço Médio	Preço Máximo
23/09/82	1.260,96	1.320,00
30/09/82	1.281,31	1.380,00
07/10/82	1.288,97	1.410,00
14/10/82	1.299,58	1.445,00
21/10/82	1.306,34	1.450,00
28/10/82	1.350,91	1.505,00
04/11/82	1.324,19	1.525,00
11/11/82	1.314,05	1.520,00
18/11/82	1.308,40	1.520,00
25/11/82	1.309,70	1.450,00

FONTE: BCSP.

SOJA

Não se espera uma grande safra, mas já se visualizam dificuldades no mercado internacional

Os primeiros levantamentos da área de plantio da soja na safra 1982/83 apontam dois movimentos distintos. Por um lado, parecem confirmar-se as estimativas iniciais de ligeiras reduções de área nos estados sulinos e, por outro, devem ocorrer crescimentos percentuais significativos nos estados centrais. Esta tendência já se vem delineando há algumas safras. De fato, desde 1980, quando se colheu a produção recorde de 15,16 milhões de t, num total de 8,77 milhões de ha plantados, a área da sojicultura no Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e São Paulo só tem feito decrescer. Simultaneamente, as lavouras de soja tem-se expandido nos estados centrais mas, em geral, o resultado líquido, no país, tem sido negativo.

Este ano, tudo parece indicar que a área colhida em 1981/82 – 8,2 milhões de ha – poderá repetir-se, apesar das dificuldades enfrentadas pelos sojicultores. Na realidade, essa estimativa reflete muito mais a falta de melhores alternativas de plantio do que condições favoráveis para a soja. Isto porque 1982 foi um ano de muitos problemas, que começaram com a estiagem no verão, estenderam-se por todo o ano com cotações extremamente deprimidas no mercado internacional e desembocaram na época do plantio com dificuldades de obtenção de recursos para o custeio das lavouras. A isto tudo deve ser somada uma séria quebra na produção de trigo.

Conforme se observa, a situação dos produtores não é das mais confortáveis. Seus custos financeiros vêm crescendo, na medida em que se reduz o percentual do VBC financiado a juros subsidiados – 70% no caso dos médios e 50% no dos grandes produtores – e cresce sua necessidade de recursos tomados no mercado "livre".

Atualmente, a maior parte das dificuldades, em termos de liberação de recursos de custeio para a soja, já teria sido sanada e as atenções de todos estão voltadas para o desempenho climático.

No Rio Grande do Sul, vem ocorrendo um excesso de chuvas na semeadura, o que talvez obrigue o replantio de algumas áreas. Na região Centro-Oeste, o clima está sendo normal e, até o final de novembro, toda a área deverá estar semeada.

Preocupações adicionais, entretanto, são levantadas por diversas entidades, a respeito da produtividade da próxima safra, ainda que o clima seja normal. Isto porque a utilização de sementes próprias e a redução do uso de insumos, possibilitadas pela circular 706 do Banco Central, podem acabar tendo um efeito negativo, em termos de rendimentos físicos por hectare das lavouras.

Por tudo isso, não é possível supor um incremento ponderável da produção brasileira em 1983. Se, efetivamente, forem colhidos – à semelhança de 1982 – 8,2 milhões de ha e a produtividade média se situar em torno dos 1.700 kg/ha (ligeiramente abaixo das de 1980 e 1981) a safra será da ordem de 14 milhões de t, apenas 9% superior à frustrada produção de 1982.

O mercado internacional, por sua vez, também não oferece sinalizadores positivos. O que significa que o Brasil contará com um crescimento relativamente pequeno de suas disponibilidades para exportação (com o aumento da safra) que talvez apenas compense a queda dos preços no mercado externo de *commodities*, mantendo praticamente inalterada, em 1983, a receita de exportação atualmente esperada para o complexo soja no corrente ano: algo em torno dos 2 bilhões de dólares.

Além disso, os Estados Unidos estão dando mostra de pretenderem disputar mais agressivamente com o Brasil o mercado de óleo de soja. Recentemente foi instituído um novo programa de crédito da ordem de US$ 1,5 bilhão, por três anos, que, segundo o *Foreign Agriculture Service* do USDA, será utilizado para expandir as vendas de óleo de soja norte-americano para a Índia, sintomaticamente o maior importador do produto brasileiro.

É bem verdade que nem todos

os elementos para 1983 estão dados. A safra sul-americana apenas começa a ser plantada e reveses climáticos podem ocorrer. As taxas de juros no mercado internacional se reduziram de maneira significativa e, caso o dólar venha a se enfraquecer frente às moedas da Europa Ocidental, a demanda por grão e farelo de soja pode se reativar sensivelmente.

TRIGO

Uma nova safra prejudicada e retomada do processo de extinção do subsídio

A safra de trigo de 1982 está-se configurando como uma das mais prejudicadas pelo clima nos últimos anos, comparável, em termos de produtividade, aos fracos resultados obtidos em 1977 e 1979, quando se colheram 655 e 764 kg por hectare, respectivamente.

A umidade, pouco frio e excessiva precipitação pluviométrica do último inverno, no Centro-Sul do país, foram responsáveis pelo início das perdas. Paraná e São Paulo tiveram seus rendimentos médios reduzidos (em relação às estimativas iniciais) em função do excesso de chuvas nos meses de junho e julho. Ainda assim, a produtividade nestes dois estados se situa em torno dos 850 kg/ha.

No entanto, foi a primavera quente e úmida do Rio Grande do Sul que selou o fracasso da produção tritícola deste ano. As doenças fúngicas encontraram campo fértil para sua proliferação e atualmente espera-se um rendimento médio das lavouras gaúchas em torno dos 500 kg/ha e, talvez, ainda seja menor.

Além disso, o peso hectolítrico (PH), que indica o rendimento do grão em farinha, será menor do que o considerado normal (78) e, em muitos casos, os agricultores colherão apenas "triguilho" (trigo com PH abaixo de 65) aproveitável apenas para fabricação de rações.

A safra, deste modo, sofrerá uma drástica redução, tanto em relação às estimativas iniciais quanto à própria produção de 1981. Inicialmente, previa-se uma produção em torno de 3 milhões de t, contra a safra de 1981, de 2,2 milhões de t. As últimas previsões, sujeitas a novos reajustes, indicam que deverão ser colhidas apenas 1,8 milhão de t (em números redondos) sendo 1 milhão de t no Paraná, 300 mil em São Paulo, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Santa Catarina e Distrito Federal. Apenas 550 mil t serão colhidas no Rio Grande do Sul, contra a estimativa inicial de 1,3 milhão de t, naquele estado.

Diante deste quadro, ampliam-se as necessidades de importação do cereal, em 1983. A produção que será destinada à indústria (1,5 milhão de t aproximadamente) precisará ser complementada por importações da ordem de 4 milhões de t, para atender a um consumo interno de 5,5 milhões de t — quantidade ligeiramente inferior à de 1981 — 5,8 milhões de t. Esse consumo, muito elevado em relação à produção do país, já pressupõe a retomada do processo de retirada do subsídio através de reajustes mais freqüentes dos preços de venda do trigo aos moinhos. Em 1982, a única majoração desse preço ocorreu em maio.

Tudo leva a crer que as autoridades intensifiquem estas majorações de preços, a partir do final do corrente ano, até porque suas previsões do dispêndio de divisas com a aquisição de trigo, em 1983, são bastante otimistas. Com efeito, espera-se uma redução do gasto com as importações do cereal, no próximo ano, uma vez que, em geral, as cotações internacionais das mercadorias agrícolas estão sendo favoráveis aos compradores.

É possível que se concretizem as expectativas mais otimistas, que supõem a persistência de baixas cotações no mercado internacional. No entanto, isto não será suficiente para que as despesas com a aquisição externa do cereal situem-se no nível esperado, em torno de US$ 500 milhões. Deste modo, apenas com a redução do volume físico importado, em 1983, será possível diminuir o peso das compras na balança comercial. O êxito desta tarefa depende, entre outras coisas, do volume das safras de verão e da abundância, ou não, de produtos substitutos. Influirão, também, a evolução da inflação interna e a situação das contas externas do país.

Como a fase atual do mercado internacional de grãos é de grande oferta e os países produtores/exportadores vêm disputando acirradamente o mercado, o Brasil poderá beneficiar-se, efetuando compras a prazo, ou com juros favorecidos, podendo, assim, apesar de suas dificuldades cambiais, suprir as necessidades de importação de trigo.

PANORAMA AGROPECUÁRIO

PREÇOS NO MERCADO EXTERNO

GUIA DE LEITURA (posições nominais referentes ao mês anterior ao da capa da revista)
1 – Posição da última semana do mês
2 – Posição da última quinzena do mês
3 – Posição do mês anterior
4 – Posição um ano antes
5 – Comportamento dos Futuros
6 – Fatores ponderáveis e perspectivas dos próximos 30 dias

PREÇO / PRODUTO	Posição 1 Ano Antes	Posição Mês	Posição Última Quinzena	Posição Última Semana	Futuros N	D	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	Tendência	Fatores Ponderáveis
AÇÚCAR RAW MERC.–N.Y. US ¢/lb-peso Fonte: Unicom	12,20	6,51	6,51	6,65			7,04		7,75		8,04		8,24		8,53	8,74		Compras volumosas da URSS contrabalançam efeito baixista da última estimativa de F.O. Licht para a safra européia de 1982/83, que prevê uma produção de 31,46 milhões de t.
ALGODÃO 1-1/16" M-Memphis MERC.–N.Y. US ¢/lb-peso Fonte: Unicom	57,37	58,74	59,32	58,94		62,68			65,39		66,81		67,93			66,88		– Colheita da safra norte-americana transcorreu normalmente. – CEE continua renegociando acordos bilaterais com os principais fornecedores no âmbito do Multifibras. – Indústria dos principais países industrializados ainda não apresenta sinais de recuperação.
CACAU BAHIA MERC.–N.Y. US$/tonelada Fonte: Unicom	1892,62	1355,40	1350,36	1354,80		1354,80			1440,50		1491,55		1527,90		1564,40			Preços, em Nova Iorque, favorecidos pela queda recente do dólar frente a outras moedas.
CAFÉ SANTOS MERC.–N.Y. US ¢/lb-peso Fonte: Unicom	144,49	137,65	138,81	138,40		138,40			135,27		130,01		125,97		123,19			É pequena a disponibilidade no curto prazo de café robusta.

NOTA: Spot de Cacau e Café suspenso. As posições da Última Semana, Última Quinzena e do Mês Anterior referem-se a futuro 1ª entrega.

As informações e perspectivas aqui apresentadas se baseiam em fontes fidedignas e em cuidadosas análises de cada mercado, cujo grau de precisão e integridade, entretanto, o GIA não pode garantir. Nossas opiniões sobre as perspectivas de mercado são, por sua natureza subjetiva, sujeitas a mudanças, independentemente da ocorrência de novos fatores ponderáveis. Sugerimos contato com nossos técnicos para qualquer esclarecimento ou troca de opiniões. (ver 1ª contracapa).

PREÇO / PRODUTO	Posição 1 Ano Antes	Posição Mês	Posição Última Quinzena	Posição Última Semana	Futuros	Tendência	Fatores Ponderáveis
MILHO TWO YELLOW MERC.–CHIC. US ¢/bushel Fonte: Unicom	260,28	240,69	246,40	249,35	232,52 / 241,58 / 248,55 / 254,27 / 258,01		Expectativa de que o novo programa do USDA acarrete redução da área plantada, em 1983.
SOJA - GRÃO ONE YELLOW MERC.–CHIC. US ¢/bushel Fonte: Unicom	630,63	567,58	570,20	569,90	558,61 / 571,95 / 582,73 / 592,18 / 600,48 / 600,47 / 593,94		Segundo Oil World, a demanda européia tem-se fortalecido e as importações deverão crescer no último trimestre de 1982.
SOJA FARELO MERC.–CHIC. US$/tonelada Fonte: Unicom	180,60	174,17	176,28	176,63	172,00 / 172,78 / 174,25 / 175,36 / 176,51 / 176,29 / 176,66		Redução da oferta brasileira no mercado.
TRIGO SOFT RED MERC.–CHIC. US ¢/bushel Fonte: Unicom	408,26	335,21	338,43	343,05	333,34 / 348,63 / 353,64 / 355,03 / 362,38		Novo programa norte-americano de incentivo às exportações poderá estimular a demanda.

PREÇOS NO MERCADO INTERNO

GUIA DE LEITURA (posições nominais referentes ao mês anterior ao da capa da revista)
1 – Posição da última semana do mês
2 – Posição da última quinzena do mês
3 – Posição do mês anterior
4 – Posição um ano antes
5 – Fatores ponderáveis e perspectivas dos próximos 30 dias

PREÇO / PRODUTO	Posição 1 Ano Antes*	Posição Mês	Posição Última Quinzena	Posição Última Semana	Tendência	Fatores Ponderáveis
ALGODÃO Tipo 6–Sul do BR MERC. – SP Cr$/15 kg Fonte: Bolsa de Mercadorias de SP	5050,53	5225,00	5054,55	5000,00	➡	– Mercado fraco devido às reduzidas compras da indústria nesta época. – Algodões de tipos melhores (da safra nordestina), são cotados acima dos preços da safra meridional. – Os primeiros dados sobre a safra de 1982/83 revelam aumento de plantio em torno de 6% na região Centro-Sul.
ARROZ Amarelão - Est. Cen. MERC. – SP Cr$/sc. 60 kg Fonte: Bolsa de Cereais de SP	6865,49	7550,00	7677,27	7730,00	↗	– Mercado com demanda acentuada de produto de melhor qualidade. – Dificuldade no plantio da safra do sul do país.
CAFÉ Tipo 7/8 MERC. – RJ Cr$/sc. 60 kg Fonte: Cent. do Com. de Café do RJ	19702,61	21603,00	22048,18	22520,00	↗	A disponibilidade interna de café de primeira qualidade é reduzida.
BOI GORDO – MERC. – Pres. Prud. Cr$/arroba Fonte: IEA-SP	5243,00	4000,00	4000,00	4000,00	➡	– Início de safra. – Aumento da oferta de bois terminados. – Estabilidade apenas nominal.

*** Corrigidos pelo IGP, col. 2 – Conjuntura Econômica-FGV.**

NOTA: Cotações de Algodão correspondem a 1º Futuro.

Agroanalysis, 6(12): 25-30, dezembro/1982

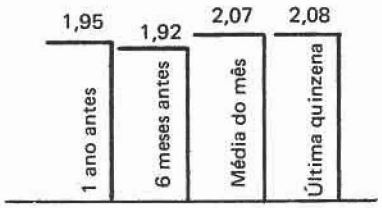
As informações e perspectivas aqui apresentadas se baseiam em fontes fidedignas e em cuidadosas análises de cada mercado, cujo grau de precisão e integridade, entretanto, o GIA não pode garantir. Nossas opiniões sobre as perspectivas de mercado são, por sua natureza sujetiva, sujeitas a mudanças, independentemente da ocorrência de novos fatores ponderáveis. Sugerimos contato com nossos técnicos para qualquer esclarecimento ou troca de opiniões. (ver 1ª contracapa).

PREÇO / PRODUTO	Posição 1 Ano Antes*	Posição Mês	Posição Última Quinzena	Posição Última Semana	Tendência	Fatores Ponderáveis
FEIJÃO Carioquinha Especial MERC. – SP Cr$/sc. 60 kg Fonte: Bolsa de Cereais de SP	9863,70	5565,00	5577,27	5610,00	↗	As cotações deverão tender ao nível do preço mínimo, sendo também influenciadas pelas notícias de quebra da safra das águas.
FRANGO Vivo MERC. – SP Cr$/kg Fonte: APA	144,26	136,10	145,68	150,30	↗	Alta sazonal, devido ao maior consumo no final do ano.
MILHO Amarelo Semiduro MERC. – SP Cr$/60 kg Fonte: Bolsa de Cereais de SP	1991,36	1500,00	1500,00	1500,00	→	Maior demanda estacional por parte das indústrias de rações.
SOJA - GRÃO Industrial MERC. – SP Cr$/60 kg Fonte: Bolsa de Cereais de SP	2953,72	2864,50	3033,18	3140,00	↗	Cotações evoluem com a intensificação de negócios para a nova safra.

* Corrigidos pelo IGP, col. 2 — Conjuntura Econômica-FGV.

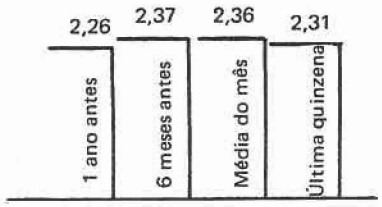
PREÇOS RELATIVOS – MERCADO EXTERNO

Algodão / Soja



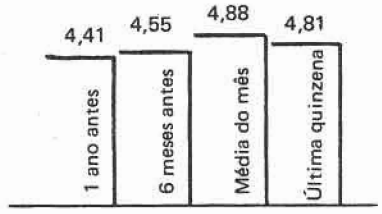
O preço relativo algodão/soja da última quinzena manteve-se praticamente inalterado, em relação à média do mês em questão, devido à estabilidade ocorrida nas cotações de ambos os produtos. Enquanto que as cotações da soja mantêm-se baixas, devido à pressão oriunda da colheita do produto norte-americano, o mercado de algodão também vem-se apresentando deprimido, dado o baixo nível das atividades industriais e as consecutivas quedas no consumo.

Soja / Milho



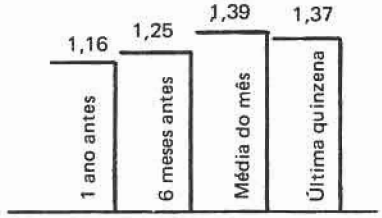
A cotação do milho sofreu uma ligeira alta de 2,3% na quinzena, em relação à média do mês em questão, devido à expectativa quanto à implementação, por parte do governo norte-americano, de novo programa de redução da quantidade de grãos a ser produzida em 1983. A conjugação deste fato à acima mencionada ausência de movimentação no mercado da soja responde pela ligeira queda do preço relativo soja/milho da quinzena, em relação à posição média do mês considerado.

Algodão / Milho



Os fatores ponderáveis anteriormente mencionados para os preços do milho e do algodão justificam a leve queda do preço relativo algodão/milho, na última quinzena, quando comparado à média do referido mês. Já em relação à posição de seis meses antes, verifica-se que ocorreu queda de 5,8% na cotação da malvácea, se comparada com a posição da última quinzena. Esta tendência de queda explica-se, basicamente, pela situação de suprimento folgado que prevalece neste mercado, em conseqüência da queda no consumo industrial.

Trigo / Milho

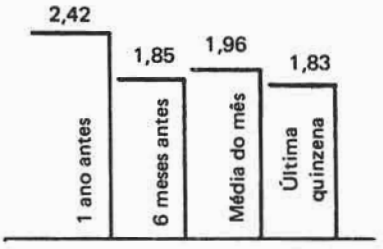


A estabilidade verificada nas cotações do trigo na última quinzena, em relação à posição média do mês, foi decorrente do acirramento da concorrência entre os EUA e a CEE, na disputa pelos mercados consumidores do produto, e de uma safra bundante deste grão nos EUA. A associação deste fato à alta de 2,3% ocorrida nas cotações do milho, resultou no leve declínio do preço relativo trigo/milho no período.

FONTES: Algodão: Unicom, Cotton World Statistics. Soja, Milho e Trigo: Unicom, Commodity Year Book.
OBS.: Todos os períodos são em referência ao mês anterior ao da capa da revista.

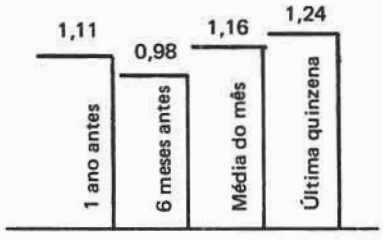
PREÇOS RELATIVOS – MERCADO INTERNO

Boi Gordo
Frango Vivo



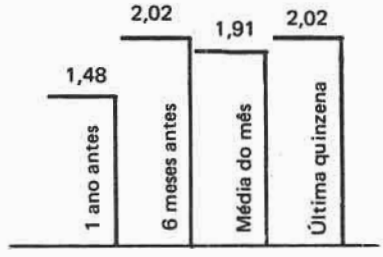
A relação Boi Gordo/Frango Vivo apresentou, na última quinzena, ligeira queda, em comparação com a média do mês em questão, em razão da estabilidade nas cotações do boi gordo e da alta de 7% ocorrida nos preços do frango vivo. Este aumento sazonal do preço da ave, por sinal, foi reforçado pelo fato de o crescimento da produção de aves ter-se moderado este ano, de forma a ajustar-se à nova realidade do mercado brasileiro de carnes. Mesmo assim, observa-se que, há um ano, este preço relativo apontava muito maior favorabilidade à compra de carne bovina. Por sua vez, a estabilidade apresentada nas cotações do boi gordo no período foi decorrência do aumento da oferta de bois terminados, face ao início da nova safra.

Frango Vivo
Ração Ave Corte



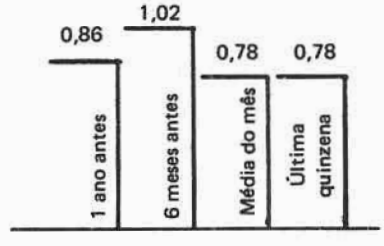
O aumento ocorrido no preço relativo frango vivo/ração na quinzena, em relação à posição média do mês aqui analisado, foi fruto da mencionada alta verificada nas cotações do frango, aliada à estabilidade nos preços da ração no período. O mercado deste insumo vem-se mantendo estável devido à inalterabilidade das cotações do milho (seu principal componente), o que tem possibilitado maior lucratividade aos avicultores do que o ocorrido há um ano.

Soja
Milho



O aumento de 5,9% ocorrido na cotação da oleaginosa, na quinzena, em cotejo com a posição média do mês, foi o fator responsável pelo aumento na relação de preços soja/milho, visto o preço do cereal ter-se mantido constante no período. Esta estabilidade foi uma decorrência da colocação, no mercado, de parte do milho estocado pelo governo, através de leilões da Bolsa de Cereais de São Paulo, refreando-se a tendência altista das cotações, normal nesta época do ano. Já a alta verificada na cotação de soja foi conseqüência direta das desvalorizações cambiais, visto serem atualmente muito baixos os preços externos deste produto.

Feijão Preto
Feijão Carioquinha



O preço relativo feijão preto/feijão carioquinha manteve-se inalterado, esta quinzena em comparação com o valor médio do mês. Isto porque, embora estejam sendo divulgadas informações de que a safra das águas já teria sofrido frustração da ordem de 20%, o mercado continua bem abastecido, em razão da boa oferta resultante da safra 1981/82 do produto.

FONTES: Boi Gordo: IEA-Sec. Agric. SP. Frango Vivo e Ração Ave Corte: IEA-Sec. Agr. SP e APA. Feijão Preto, Feijão Carioquinha, Soja e Milho: Bolsa de Cereais de SP.
OBS.: Todos os períodos são em referência ao mês anterior ao da capa da revista.

impresso na
COMPANHIA BRASILEIRA DE ARTES GRÁFICAS
RUA RIACHUELO, 128 TEL. 222-3359

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS

Entidade de caráter técnico-científico, educativo e filantrópico, instituída em 20 de dezembro de 1944 como pessoa jurídica de direito privado, visando ao estudo dos problemas de organização racional do trabalho, especialmente nos seus aspectos administrativos e social e à conformidade de seus métodos às condições do meio brasileiro.

Sede: Praia de Botafogo, 190 – Caixa Postal: 9.052 – ZC 02
Tel.: 551-1542
CEP: 22.250 – Rio de Janeiro – RJ

Presidente: Luiz Simões Lopes
Superintendente Geral: Roberto Hermeto Corrêa da Costa

CONSELHO DIRETOR:
Presidente: Luiz Simões Lopes
Vice-Presidente: Jorge Oscar de Mello Flôres
Membros: Alberto Sá Souza de Brito Pereira, Aldo Batista Franco, Carlos Medeiros Silva, Eugênio Gudin, Francisco Oswaldo Neves Dornelles e Octávio Gouvêa de Bulhões. Membros Suplentes: Carlos Alberto Pires de Carvalho Albuquerque, Luiz Fernando da Silva Pinto e Manoel Fernando Thompson Motta.

CONSELHO CURADOR:
Presidente: Alberto Pires Amarante
Vice-Presidente: João Carlos Vital
Membros: Alzira Vargas do Amaral Peixoto, Antônio Garcia de Miranda Neto, Antônio Ribeiro França Filho, Apolônio Jorge de Faria Salles, Celso Timponi, Cezar Reis Cantanhede e Almeida, Domingos Marques Grello, Estado de São Paulo, Geraldo Wilson Numan, Henrique Domingos Ribeiro Barbosa, Instituto de Resseguros do Brasil, José de Nazaré Teixeira Dias, Embaixador Manoel Pio Corrêa Jr., Mário Abrantes da Silva Pinto, Moacyr Velloso Cardoso de Oliveira, Paulo de Tarso Leal, Rubens d'Almada Horta Pôrto, Theodoro Arthou.

INSTITUTO BRASILEIRO DE ECONOMIA

COMISSÃO DIRETORA:
Presidente: Octávio Gouvêa de Bulhões
Vice-Presidente: Mario Henrique Simonsen
Membros: Angelo Jorge de Souza, Eugenio Gudin, Janes Angelo de Souza e Julian Magalhães Chacel.

DEPARTAMENTO DE ENSINO:
Diretor da Escola de Pós-Graduação em Economia: Mario Henrique Simonsen.

DEPARTAMENTO DE ESTUDOS E PESQUISAS:
Diretor: Julian Magalhães Chacel.

Centro de Estudos Monerários e de Economia Internacional – Luiz Aranha Corrêa do Lago.
Grupo de Gerência e Economia da Informação – Moacyr Antonio Fioravante.

Divisão de Contabilidade Social:
Diretor: Angelo Jorge de Souza
Centro de Contas Nacionais: Ralph Miguel Zerkowski
Centro de Estudos Fiscais: Margaret Hanson Costa
Centro de Estudos Industriais: Eden Gonçalves de Oliveira
Grupo de Análise Contábil: Sebastião Marcos Vital

Divisão de Estatística e Econometria:
Diretor: Janes Angelo de Souza
Centro de Estudos Agrícolas: Sylvio Wanick Ribeiro
Centro de Estatística Econômica: Marcos Ferreira de Souza
Centro de Processamento de Dados: Eugênio Decourt
Grupo Especial de Consumo: Roberto Maia de Camargo Abib



Não sendo encontrado o destinatário, devolver ao
GRUPO DE INFORMAÇÃO AGRICOLA
FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS
Av. Gomes Freire, 647 – 10º andar
ZC-58 - RIO DE JANEIRO - RJ - BRASIL